

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

ISABEL CRISTINA ALVES ERZINGER

**O COTIDIANO DAS MULHERES TRABALHADORAS, NAS
DÉCADAS DE 1950 A 1970, NA CIDADE DE ARAUCÁRIA / PR**

**CURITIBA
2014**

ISABEL CRISTINA ALVES ERZINGER

**O COTIDIANO DAS MULHERES TRABALHADORAS, NAS DÉCADAS
DE 1950 A 1970, NA CIDADE DE ARAUCÁRIA / PR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em História.

Orientadora: Prof^a Ms^a. Maria Cecília Martins Giovanella

**CURITIBA
2014**

Mulher (sexo Frágil)

Dizem que a mulher é o sexo frágil
Mas que mentira absurda
Eu que faço parte da rotina de uma delas
Sei que a força está com elas

Vejam como é forte a que eu conheço
Sua sapiência não tem preço
Satisfaz meu ego se fingindo submissa
Mas no fundo me enfeitiça

Quando eu chego em casa à noitinha
Quero uma mulher só minha
Mas pra quem deu luz não tem mais jeito
Porque um filho quer seu peito
O outro já reclama a sua mão
E o outro quer o amor que ela tiver
Quatro homens dependentes e carentes
Da força da mulher

Mulher, mulher
Do barro de que você foi gerada
Me veio inspiração
Pra decantar você nessa canção

Mulher, mulher
Na escola em que você foi ensinada
Jamais tirei um dez
Sou forte mas não chego aos seus pés

(Narinha - Erasmo Carlos)

Às mulheres ...

Agradeço:

À Deus por ter me dado forças e guiado os meus caminhos.

Ao meu esposo Lucimar por todo amor, incentivo e apoio.

À minha filha Janaina pelo apoio e por sempre ter me ajudado.

As entrevistadas pelo carinho que me receberam em suas casas, e contaram suas experiências de vida.

À minha orientadora Professora Maria Cecília Martins Giovanella pelo carinho, incentivo e paciência.

Aos professores, e aos colegas de Curso, da Universidade Tuiuti do Paraná.

À equipe do Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres, em especial ao funcionário Sebastião Pilatto dos Santos pelo apoio técnico.

À minha família pela compreensão e por terem sempre me incentivado.

LISTA DE SIGLAS

BNDE – BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.....	15
PETROBRAS – PETRÓLEO BRASIL SOCIEDADE ANÔNIMA.....	15
UNE – UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES	18
FIFA – <i>FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION</i>	19
ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS	20
REPAR – REFINARIA PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS	36
RMC – REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA.....	36

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA - RMC	36
FIGURA 2 – TRABALHADORAS DA FÁBRICA DE PALHÕES - 1950	38
FIGURA 3 – PRODUÇÃO DE LINHO QUEBRADEIRA DE LINHO À FORÇA MOTRIZ	40
FIGURA 4 – CONFRATERNIZAÇÃO DE COLEGAS DE TRABALHO NA ESCOLA...	44
FIGURA 5 – MATINÊ NA SCIEDADE OPERÁRIO BENEFICENTE DE ARAUCÁRIA, DÉCADA DE 1960	45
FIGURA 6 – MULHERES DA FAMÍLIA TRAU CZINSKI, NO RIO IGUAÇU.....	46
FIGURA 7 – MOÇAS NO BAILE DO CLUBE SÃO MANOEL, DÉCADA DE 1960...47	

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE AS MULHERES, SUAS LUTAS E SUAS CONQUISTAS	11
1.1. A MULHER E O SEU LUGAR NA SOCIEDADE BRASILEIRA	11
1.2. MULHERES BRASILEIRAS: EDUCAÇÃO, TRABALHO E FAMÍLIA	19
2. AS MULHERES DE ARAUCÁRIA E SEU COTIDIANO NOS ANOS DE 1950 A 1970	26
2.1. UM PASSEIO HISTÓRICO PELA CIDADE DE ARAUCÁRIA.....	27
2.2. O PAPEL SOCIAL DAS MULHERES EM ARAUCÁRIA, NAS DÉCADAS DE 1950 A 1970.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
FONTES	51
REFERÊNCIAS	53
BIBLIOGRAFIA	55
APÊNDICES	58
ANEXOS	59

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou discutir e refletir o cotidiano das mulheres trabalhadoras, nas décadas de 1950 a 1970, na cidade de Araucária / PR. A escolha do tema se deu pelo fato da história das mulheres ainda ser pouco estudada na cidade de Araucária.

Nessa perspectiva, observou-se que na sociedade dessa época as mulheres participavam menos da vida pública, pois esse espaço era exclusivamente masculino. Às mulheres estava reservado o espaço privado, a família, e os afazeres domésticos. Diante disso, ficou o seguinte questionamento: Em que medida as mulheres da cidade de Araucária – PR participavam da vida pública entre as décadas de 1950 a 1970?

Dessa forma, analisou-se em que medida as mulheres da cidade de Araucária – PR participavam da vida pública, nas décadas de 1950 a 1970. Para que isto se efetivasse, foi necessário contextualizar a cidade de Araucária – PR, até década de 1970, bem como investigar a participação das mulheres na vida pública, em Araucária – PR, e discutir o papel social das mulheres araucarienses.

Essa produção monográfica se respaldou no referencial teórico de Michelle Perrot a partir da obra *Os Excluídos Da História*, especificamente na parte II: Mulheres, na qual a autora trabalha com a história das mulheres no século XIX, utilizando conceitos como a exclusão das mulheres, a mulher como parte da história, a trajetória de lutas e conquistas das mulheres nos espaços públicos e privados.

Fundamentou-se também na teórica Joan Scott, no seu estudo *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. A autora trouxe novas perspectivas para os estudos de gênero, quando escreveu seu artigo, publicado originalmente em 1986. O artigo trata dos usos descritivos de gênero e esse é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos.

Durante as pesquisas realizadas foram utilizadas bibliografias como base, que trouxeram novos elementos para a análise do trabalho, como a obra organizada por Mary Del Priore e coordenação de textos de Carla Bassanezi, *História das Mulheres no Brasil*, que analisa a vida pública e privada das mulheres. O estudo de Joel Carrion Pinheiro: *Trabalho Feminino no Brasil – Análise da evolução da participação da mulher no mercado de trabalho (1950-2010)*, nele o autor aborda a participação

da mulher no mercado de trabalho. O artigo de Maria Margarete Souza Campos Costa, e Sandra Maria Pereira do Sacramento. *Mulher e História: uma análise da construção das relações de gênero*, que trata da desigualdade dos papéis exercidos por homens e mulheres, resistência e luta feministas, e a Coleção História de Araucária, pesquisa e texto de Roseli T. Boschilia, que narra a história de Araucária.

Com o intuito de obter uma melhor compreensão e aprofundamento da investigação foi realizada uma pesquisa de campo, onde a pesquisadora familiarizou-se com o tema que escolheu no âmbito da investigação.

Para a realização destes estudos foram seguidos os seguintes passos: revisão bibliográfica do referencial teórico e bibliográfico na biblioteca da Universidade Tuiuti do Paraná, biblioteca pública de Araucária, e pela internet. Bom como outras fontes utilizadas como, entrevistas disponíveis no arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres, da cidade de Araucária / PR.

Além das fontes citadas, foram produzidas outras fontes que deram o principal apoio à pesquisa. Para produção dessas fontes adotou-se uma abordagem qualitativa, uma vez que considera o ambiente natural como o fator da origem direta dos dados, assim como tem o pesquisador com o seu principal instrumento (LUDKE E ANDRÉ, 1986). Como a questão que está sendo estudada é a participação das mulheres na vida pública, nas décadas de 1950 a 1970 na cidade de Araucária / PR, a pesquisadora realizou entrevistas a três mulheres do município de Araucária, cuja história nunca havia dado visibilidade e nem voz.

A técnica de entrevista é considerada mais apropriada quando se deseja obter informações a respeito do seu objeto, que possibilitem conhecer “sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores” (RIBEIRO, 2008 p.141). Neste processo de investigação, a História Oral foi utilizada como método para analisar as experiências vividas pelas entrevistadas.

Esse trabalho foi organizado em dois capítulos. No primeiro: Um olhar histórico sobre as mulheres, suas lutas e suas conquistas, foi traçado um panorama sobre os fatos do passado que contribuíram para a conquista das mulheres de alguns direitos civis como o voto, e também o acesso ao estudo e a inserção no trabalho. Alguns aspectos da sua vida privada em família. Nesse panorama foram explanados os aspectos econômicos, político e social que ocorreram em maior

relevância no período de 1950 a 1970.

No segundo capítulo: As mulheres de Araucária e seu cotidiano nos de 1950 a 1970, tratou de contextualizar a cidade Araucária até a década de 1970, seus primeiros habitantes, e os grupos étnicos que chegaram ao município, as atividades que desenvolveram no período e sua contribuição econômica e cultural para o município.

1. UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE AS MULHERES, SUAS LUTAS E SUAS CONQUISTAS.

1.1 A MULHER E O SEU LUGAR NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Ao longo da história, a família brasileira, tanto no campo como na cidade se formou a partir do regime patriarcal, cujo comando e autoridade eram do patriarca, responsável pelos negócios e pela família.¹ Neste modelo as esposas e filhos deviam obediência ao chefe da casa, sendo que a mulher, enquanto solteira devia obediência ao pai e depois de casada ao marido.

Essa forma de organização sofreu alterações na segunda metade do século XIX, dentre as razões se destaca o ingresso progressivo de trabalhadores assalariados nas plantações de café e nos centros urbanos. Outras mudanças fortaleceram o poder do Estado, ocorrendo o declínio da família patriarcal. Contudo, apesar das transformações o homem continuou sendo “o cabeça”² da família, entretanto seus poderes foram divididos com outras autoridades e instituições.

Nesta perspectiva, não é difícil imaginar porque as mulheres foram excluídas das diferentes sociedades ao longo do tempo. A sua trajetória na história foi marcada pela exclusão e o fato da mulher não possuir os mesmos direitos do homem e nesse sentido Michelle Perrot enfatiza que “essa exclusão das mulheres pouco condiz com a Declaração dos Direitos do Homem, que proclama a igualdade entre todos os indivíduos.”³ As mulheres não seriam ‘indivíduos?’⁴

Diante deste questionamento, Perrot afirma que no século XIX, sobressaiam os lugares dos sexos, cada um com “sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, [...]”⁵ O papel de cada sexo continuou a ser mantido por muito tempo. Durante a Revolução Francesa as mulheres participaram ativamente, lutaram pegando em armas na pró-revolução, mas logo perceberam que a igualdade, liberdade e fraternidade por que lutaram não se

¹ ALVES, Roosenberg Rodrigues Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações .In: *II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG*, Goiás, 2009. Disponível em: <<https://portais.ufg.br>>. Acesso em: 15 set. 2014.

² SILVA, José Maurício da. *O Lugar do Pai: Uma Construção Imaginária*. f. 154. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte. 2007. Disponível em: <<http://www1.pucminas.br>>. Acesso em: 12 de set. de 2014.

³ A autora se refere a “Declaração dos Direitos do Homem” porque em sua obra, ela estuda a história das mulheres no século XIX, visto que a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi adotada e proclamada no ano de 1948.

⁴ PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 2. ed. 1992, p.177.

⁵ *id. ibid.*,1992, p.178.

estendeu a elas, ao contrário, os discursos fortaleciam a repulsa, excluindo-as da condição de cidadãs.⁶

As mulheres tiveram que conquistar seus direitos por meio de muitas lutas. Ainda no século XVIII, no início da Revolução Francesa, começaram os primeiros movimentos pelos direitos políticos das mulheres. Elas reivindicavam igualdade social e por causa dessas manifestações muitas foram presas e algumas condenadas à morte, como no caso das mulheres francesas. Um grande exemplo foi o de Olympe de Gouges, de instrução pobre, uma feminista que participou ativamente dos movimentos revolucionários. Em setembro de 1791, ela publicou seu artigo “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã” no qual faz crítica à desigualdade entre os sexos. Ela acreditava que a inserção da mulher na vida política e civil era fundamental. Reivindicava direitos às mulheres à educação, ao voto, à propriedade privada, à cargos públicos, à política, à participação no exército, igualdade de poderes na família e nas organizações sociais – na Igreja, direito ao divórcio, ao reconhecimento dos filhos nascidos fora do casamento e à herança pelas mulheres. Por ser considerada uma mulher perigosa, acusada de difundir ideias para reinstalar a monarquia, foi julgada e condenada à morte na guilhotina em novembro de 1793.⁷

Porém, neste panorama os movimentos sufragistas prosseguiram, os movimentos feministas das estadunidenses e das britânicas ecoaram entre as mulheres brasileiras. Nesta perspectiva, a partir do século XX surgiram diversas organizações femininas no Brasil. Dentre essas o Partido Republicano Feminino, fundado em 1910, pela professora Deolinda Daltro, na cidade do Rio de Janeiro. Estados como o Rio Grande do Norte alistou sua primeira eleitora em 1927, sendo que em 1929 foi eleita a primeira prefeita no estado.⁸

Então, finalmente no ano de 1932 durante o governo Provisório de Getúlio Vargas por meio do Decreto nº 21.076, criou-se a Justiça Eleitoral e se estabeleceu também o primeiro Código Eleitoral, que regulamentava o alistamento eleitoral no país, nas esferas federal, estadual e municipal. Dentre as inovações ressalta-se a

⁶ COSTA, Maria Margarete Souza Campos; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. *Mulher e História: uma análise da construção das relações de gênero*. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br>>. Acesso em: 11 set. 2014.

⁷ REVISTA Internacional Interdisciplinar Interthesis. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br>>. Acesso em: 14 set. 2014.

⁸ OBSERVATÓRIO Brasil da igualdade de gênero. Disponível em: <<http://www.observatorio.degenero.gov.br>> Acesso em: 30 ago. 2014.

instituição do sufrágio universal, direto e secreto e o voto feminino. O Decreto estabelecia no seu “Art. 2º É eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma deste Código”.⁹ Vale frisar que o direito ao voto feminino não foi uma concessão espontânea do governo, mas o resultado da contínua luta das mulheres.

Contudo, mesmo diante das conquistas, as mulheres ainda eram vista pela sociedade como inferiores aos homens, seu papel era o da maternidade e esposa, o sexo mesmo nos anos 1950 ainda era tabu. No ano de 1949, a escritora feminista francesa Simone de Beauvoir publicou na França o livro intitulado *O Segundo Sexo* - traduzido no Brasil em 1967, por Sérgio Milliet. Uma abordagem da autora que ficou célebre e muito difundida no mundo todo, em especial entre as feministas:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.¹⁰

Simone Beauvoir buscou mostrar que feminilidade é uma construção social e que não existe um destino biológico como forma de justificar a subordinação da mulher ao homem e sua inferioridade na sociedade cuja visão do papel da mulher era a de mãe, de esposa e de dona de casa.

Joan Scott, também se refere à construção social entre os sexos em seu estudo, *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, explica que o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu emprego recusa as justificativas biológicas, como aquelas construídas para as várias formas de subordinação, por exemplo, as mulheres devem gerar filhos, e os homens são fisicamente mais fortes. Para ela, o gênero se torna uma maneira de indicar as construções sociais, ou seja, a criação social da noção dos papéis próprios de cada sexo.¹¹

A década de 1950 no Brasil, conhecida como Anos Dourados, foi de grandes transformações no cenário político, econômico e social, década marcada pela

⁹ TRIBUNAL Superior Eleitoral. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br>>. Acesso em: 08 set. 2014.

¹⁰ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1967, p. 9.

¹¹ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, 1989, p.7. Disponível em: <<http://www.observem.com>> Acesso em: 30 ago. 2014.

modernidade. Na cultura, momento importante para o ramo das artes como também para o pensamento progressista e moderno que circulava no país. Os grandes centros urbanos se modernizavam, aconteceram mudanças culturais e de comportamentos nas metrópoles por causa dos avanços tecnológicos, em 1950 foi a vez da televisão, ser introduzida nos lares mais abastados.¹²

A influência econômica, política e cultural norte-americana penetravam nos países latino-americanos, devido a prosperidade econômica dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, as propagandas incentivavam o consumo e as mulheres era um alvo a ser alcançado, eram elas as consumidoras para os novos produtos do mercado, principalmente dos eletrodomésticos.

Em 1952, o governo criou o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) cuja finalidade do governo era impulsionar o desenvolvimento nacional, e em 1953 foi assinada a lei pelo monopólio estatal do petróleo, surgia a Petróleo Brasil S/A (Petrobras), tornou-se o símbolo do nacionalismo, do anti-imperialismo.¹³

No ano de 1954, o então presidente Getúlio Vargas, não suportando mais às pressões dos chefes das três forças armadas que exigiram a sua renúncia, se suicidou com um tiro no coração em seu quarto no Palácio do Catete.

Juscelino Kubitschek, venceu as eleições e assume o governo, contudo a oposição civil e das revoltas militares, o novo presidente, foi bastante hábil em dirigir o governo, sendo o mais ativo e democrático da história republicana, a sociedade deste período se firmou por uma política desenvolvimentista, durante o seu mandato o país viveu um momento de crescimento e estabilidade política.

Evidenciou-se o crescimento do país, no entanto as mulheres da década de 1950, não participavam da vida política, poucas mulheres trabalhavam fora do lar neste período, em sua maioria as mulheres de classe baixa, por necessidade, para ajudar no sustento do lar. Nesse panorama, Carla Bassanezi destaca a ideologia dessa década para as mulheres:

Ser mãe, dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação.

A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas da feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de

¹² BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

¹³ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008., p.128.

trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse seus caminhos, estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes.¹⁴

A mulher dos anos de 1950, era colocada como a principal responsável pela felicidade do marido e da família, o seu destino estava determinado; ser mãe, esposa e dona de casa, sem poder contestar. Esses deveres lhe eram impostos como algo natural, sinal de feminilidade, a mulher que recusasse segui-los, estaria indo contra a sua essência.

Perante esse cenário de crescimento do país e todas as mudanças de comportamento da sociedade havia uma preocupação com as mulheres da classe média. As revistas destinadas ao público feminino traziam assuntos femininos - na sociedade da época era entendido que havia assuntos de mulheres e assuntos de homens - e nesse sentido, Bassanezi nos ensina que esses fatores “nos levam ao encontro das ideias sobre a diferença sexual predominantes nessa sociedade”.¹⁵ Bassanezi elenca também, não apenas os nomes das revistas que circulavam no período, bem como a forma que as imagens eram utilizadas:

Jornal das Moças, Querida, Vida Doméstica, Você, as seções *para mulher* de *O Cruzeiro* traziam imagens femininas e masculinas, o modelo de família – branca, de classe média, nuclear, hierárquica, com papéis definidos -, regras de comportamento e opiniões sobre sexualidade, juventude, trabalho feminino e felicidade conjugal. Essas imagens, mais do que refletir um aparente consenso social sobre a moral e os bons costumes, promoviam os valores de classe, raça e gênero dominantes de sua época.¹⁶

Uma das revistas mais lidas da época *Jornal das Moças* trazia assuntos de astros de filmes e novelas, cantores, moda (modelos de roupas), conselhos de beleza, propaganda de produtos de beleza, história em quadrinhos – foto novela -, conselhos às esposas, aos filhos e às mães. Uma das propagandas de produto de beleza ilustra bem que nesse período já existia o culto a beleza, que hoje é entendido como consumo cultural, constante nas mídias. Embora de maneira um tanto rude um dos anúncios iniciava com a frase “A mulher tem obrigação de ser

¹⁴ BASSANEZI. In: DEL PRIORE; BASSANEZI. *op. cit.*, p.609-610.

¹⁵ BASSANEZI. In: *id. ibid.*, p.609.

¹⁶ BASSANEZI. In: *id. ibid.*, p.609

bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia [...]”.¹⁷

As revistas influenciaram a realidade das mulheres de classe média, em relação ao comportamento em especial no que diz respeito ao consumo, a maneira de vestirem e demais costumes, a apropriação da cultura estadunidense, bem como as revistas sofreram influências das mudanças sociais vividas nessa época.

Em 1960, aconteciam as eleições para a escolha do novo presidente da República do Brasil, que seria o sucessor de Juscelino Kubitschek, para assumir pela primeira vez na nova capital do país, Brasília. Jânio Quadros venceu para presidente e o vice-presidente eleito foi João Goulart¹⁸. Houve muitas controvérsias em seu governo, a inflação continuava subindo, a concentração de renda aumentava, a dívida externa crescia e a insatisfação popular aumentava em relação ao novo Presidente. Seu governo durou poucos meses, em agosto de 1961 ele renunciou, João Goulart assume até 1964, quando foi deposto pelo o golpe civil-militar, que institui um regime autoritário e nacionalista.

Nessa época aconteceu também um esvaziamento do campo e um aumento demográfico urbano, as pessoas se deslocavam para as cidades em busca de melhores condições de vida. Na cidade, são diversos os fatores que impossibilitam de formar famílias numerosas; as mulheres possuem mais informações e acesso aos métodos de contracepção, os gastos com os meios de subsistência e educação dos filhos são maiores do que no campo, e grande parte das mulheres trabalhava fora do lar, dispondo de menos tempo para cuidar dos filhos.

Ainda na década de 1960, a descoberta da pílula anticoncepcional foi um marco na questão sexual para as mulheres. Época marcada pelos movimentos feministas e pela liberação sexual, os contraceptivos, introduzidos no mercado nesse período, vieram dar a sua parcela de contribuição para uma mudança no conceito de sexualidade. Dessa forma elas puderam ter um maior acesso ao mercado de trabalho, e em contrapartida os homens começaram a se inquietarem com a fidelidade de esposas e companheiras.

No cenário internacional, a Guerra Fria atraía a atenção do mundo. Os movimentos culturais que aconteciam, nos anos de 1960, por todo o mundo

¹⁷ JORNAL Das Moças. Rio de Janeiro. n. 1848, 1950, (Propaganda de BELZEMA). Acervo do Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres.

¹⁸ Observa-se que a Constituição de 1946 previa votação a candidatos de partidos diferentes, separadamente.

contavam principalmente com a presença de jovens. Nos Estados Unidos o movimento foi chamado de contracultura, cujos ideais antibelicistas e antiautoritários. Aconteciam os movimentos *beats* ou *beatniks* – expressão nova esquerda –, e hippies, esses movimentos de maneira coletiva, visavam o fim da guerra do Vietnã. Em São Francisco no ano de 1967, milhares de jovens formaram o movimento que fora considerado o ápice da contracultura norte-americana, e ficou conhecido como o Verão do Amor. De forma pacífica os jovens intensificavam os protestos contra a Guerra do Vietnã e contra o alistamento militar.

O movimento feminista também aumentava nessa década, nos Estados Unidos foi marcado por uma manifestação que tornou-se simbólica, o *Bra-Burning*, - em português -, “a queima dos sutiãs”, marcou a luta feminista em 7 de setembro de 1968, mas a queima nunca aconteceu. Esse protesto que reuniu centenas de mulheres em frente ao teatro onde se realizava concurso Miss América, na cidade de *Atlantic City*, nos Estados Unidos, contra a “ditadura da beleza” imposta às mulheres da época. As ativistas levaram objetos que representavam a feminilidade, como sutiãs, sapatos de salto alto, cílios postiços, maquiagens, espartilhos, cintas e *spray* de cabelos. Esses objetos foram colocados em uma lata de lixo para serem queimados, porém a prefeitura não autorizou o uso do fogo.

Outro movimento de grande repercussão, foi o festival de rock chamado *Woodstock*, que reuniu milhares de jovens, realizado em agosto de 1969, no Estado de Nova York, foi considerado um acontecimento político e sociológico. Os protestos contribuíram para a discussão de assuntos como o feminismo, os hippies, o homossexualismo e os movimentos negros.

No Brasil, os movimentos de esquerda se intensificavam, sindicatos, movimento estudantil, como a UNE e movimentos de trabalhadores do campo, articulavam no cenário político do país.

No final da década de 1960, floresceu uma euforia cultural, início do Tropicalismo, movimento que envolvia os mais diversos estilos, e variadas expressões da música, do cinema, e das artes. Foi um movimento de ruptura na música popular e da cultura brasileira. Os cantores participantes mais destacados foram: Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé, da banda Mutantes, o maestro Rogério Duprat, Nara Leão, os letristas José Carlos Capinan e Torquato Neto e o compositor e poeta Rogério Duarte.

Foram criados os Festivais da Canção, nesses, muitas mulheres

participavam. Músicas consideradas “Hino dos Protestos”, contra a ditadura militar, como “Pra Não Dizer que Não Falei de Flores”, chamada também de “Caminhando”, foram censuradas.¹⁹

Entre os anos 1964 a 1968, foi de intensa repressão, com o governo do general Castelo Branco, seguida de pequeno abrandamento. Na economia foi momento de combate à inflação, queda acentuada do salário mínimo e um crescimento tímido. Entre os anos de 1968 a 1974, o período foi o mais terrível para a história do país, sob o governo do general Garrastazu Médici, no que diz respeito aos direitos civis e políticos, houve forte repressão política, a mais violenta vista no país. No ano de 1970, foi instituída a censura prévia nos meios de comunicação, como jornais, livros entre outros. Houve também um grande crescimento econômico, porém o salário mínimo continuava em queda.

O evento da Copa do Mundo de 1970, pela primeira vez na história, a Copa do Mundo da *Fédération Internationale de Football Association*- FIFA foi transmitida em cores para o mundo todo. Realizada no México, a participação do Brasil entusiasmou os brasileiros, com a vitória sobre a Itália, sagrou-se campeão conquistando o título de tricampeão mundial. O país era embalado pelo refrão da canção “Todos juntos vamos pra frente Brasil! Salve a seleção!”

Em 1977, começaram os movimentos formados por metalúrgicos de empresas automobilísticas, siderúrgicas, de máquinas e equipamentos, pela recuperação salarial que culminou em grandes greves em 1978 e 1979.

Os últimos anos da década de 1970, foram conturbados no Brasil, a imagem dos militares estava sendo questionada por causa de torturas praticadas contra estudantes e operários mortos e desaparecidos. O País passava por uma grave crise econômica, com a alta dos juros internacionais e do preço do petróleo, a alta da inflação e da dívida externa.

Mesmo contrariando os governos militares, ressurgiram temas relativos à mulher como: violência sexual, contracepção, aborto, incluindo reivindicações em relação ao trabalho e à cidadania das mulheres. Contudo, os espaços tradicionais continuavam fechados às mulheres, elas se uniam a outros movimentos por melhores condições de vida, que aconteciam nos bairros, creches, escolas e nas

¹⁹ OLIVEIRA, Ana de. *Tropicália*. Disponível em: <tropicália.com.br> Acesso em: 24 nov. 2014.

igrejas. As reivindicações se referiam as condições de saúde, educação, saneamento básico, habitação e também pela anistia.

Tendo em vista esse cenário, as lutas das mulheres, e suas reivindicações voltaram em evidência em 1975, quando foi instaurado o Ano Internacional da Mulher pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Diante dos acontecimentos no Brasil e no mundo, no período de 1950 a 1970, a mulher brasileira não se evidenciou, ela não se manifestava como em outros países, porém teve muita participação no campo do trabalho. Lentamente foi conquistando espaço no mercado de trabalho, muitas puderam estudar e se estabelecer em profissões que remuneravam melhor. Não obstante a essas conquistas, elas tiveram que se desdobrar, ao terminar seu labor fora de casa, continuava com todas as obrigações do lar, cuidado dos filhos e do marido, e dos afazeres domésticos. Como será discutido a seguir.

1.2. MULHERES BRASILEIRAS: EDUCAÇÃO, TRABALHO E FAMÍLIA.

Ao se falar de educação, percebe-se que as mulheres brasileiras do passado não tinham acesso, porém elas foram à luta em busca deste direito. Nísia Floresta, precursora da história do feminismo no Brasil, defensora da educação feminina, contestava por meninas não terem acesso à educação. O desprezo com que era tratada a educação das mulheres e a sua condição de dependência em relação aos homens. Nísia investiu na educação sem distinção entre os sexos, ela lutava por uma educação científica para as mulheres e fundou a primeira escola somente para meninas, chamado Colégio Augusto, no Rio de Janeiro. Nísia escreveu o *Opúsculo Humanitário*, - merecedor de uma apreciação favorável de Auguste Comte -, publicado no Rio de Janeiro, em 1853, uma coleção de artigos sobre a emancipação da mulher, neste, ela aborda a formação educacional da mulher e princípios de combate aos preconceitos.²⁰

Muito embora, as mulheres tenham lutado há muito, pelo acesso a educação, esse se deu mais recentemente na história, neste meio social também lhe

²⁰ CASTRO, Amanda Mota Angelo; ALBERTON, Mirele; EGGERT. *Nísia Floresta a mulher que ousou desafiar sua época: Feminismo e Educação*. <<http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br>>. Acesso em: 20 de set. de 2014,

foi negada à participação por muito tempo, como afirmou Lilian Sarat de Oliveira, porque:

Desde menina era ensinada a ser mãe e esposa, sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar, costurar, tarefas estritamente domésticas. Carregava o estigma da fragilidade, da pouca inteligência, entre outros que fundamentava a lógica patriarcal de mantê-la afastada dos espaços públicos. A negação de outros espaços além da casa/quintal as afastava também da educação formal, não sendo permitido o acesso à escola.²¹

Nessa perspectiva, percebe-se que a mulher fora por muito tempo estigmatizada, considerada frágil e incapaz de realizar as mesmas funções destinadas ao homem, por ser considerada inferior ao sexo masculino. O sistema patriarcal legitimado pela religião cristã ocidental silenciou a voz das mulheres em todos os estratos sociais.

As transformações ocorridas no século XIX, principalmente decorrentes da industrialização e urbanização presente na Europa e nos Estados Unidos, contribuíram para que grupos sociais fomentassem ideias civilizadoras que idealizavam a educação e a religião implicando na relação de poder. Tais grupos provenientes dos Estados Unidos, que pertenciam a Igreja Metodista chegaram ao Brasil entre os anos de 1881 e 1908. A educadora e missionária Martha Watts chegou em 1881 e sua intenção era abrir escolas para moças. As mulheres que não tinham nenhum acesso à educação ou a vida pública, encontraram tal oportunidade por meio da educação e da religião. A abertura de instituições para educação de moças promoveu um meio de profissionalização da mulher e de atuação fora do espaço privado, a educação escolar antes privilégio masculino, se estendeu também às mulheres, e a profissão do magistério tornou-se quase que exclusivamente feminina.

No ano de 1930 foi criado o Ministério da Educação, com o nome de Ministério da Educação e Saúde Pública. Em 1932, um grupo de intelectuais lança o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, elaborado por Fernando de Azevedo e assinado por outros conceituados educadores, entre eles Anísio Teixeira. A proposta do Manifesto era de que o Estado estabelecesse bases da educação e definisse a escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. Com a nova Constituição Federal

²¹ OLIVEIRA, Lilian Sarat de. *Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência*, 2008. Disponível em: <<http://www.fazendo.genero.ufsc.br>>. Acesso em: 15 set. 2014, p.1.

de 1934, a educação foi entendida como um direito de todos.

A partir da obrigatoriedade da frequência à escola, assim como a gratuidade e a facilidade do acesso a educação, tornou popular o ensino também nas camadas mais pobres da população, uma vez que a Lei garantia tais direitos a todos. Dessa forma, algumas mulheres da classe baixa puderam ter acesso à educação, embora se limitasse às séries iniciais, somente as mulheres das classes mais altas é que tinham realmente acesso a educação secundária.

Porém a partir da década de 1950, ampliou o grau de escolaridade das mulheres, na educação elementar e secundária se aproximavam ao dos homens, já no ensino superior, os homens ainda eram maioria. O magistério continuava sendo o curso mais procurado pelas moças, pois era considerado o mais próximo da função de mãe. Todavia era menos valorizado para as mulheres do que para os homens por causa da discriminação sofrida pelo sexo feminino, julgado inferior.

Não obstante as tímidas conquistas no campo da educação, no campo do trabalho, a inserção da mulher no mercado de trabalho evidenciou-se muito antes. Tal participação iniciou de maneira estreita, juntamente com o desenvolvimento e a consolidação do sistema capitalista no século XIX, na medida em que se ampliavam as fábricas exigiam cada vez mais mão de obra, os donos de fábricas preferiam o trabalho de mulheres e crianças por ser uma mão de obra mais barata e dócil. Nesse período as condições de trabalho eram degradantes e insalubres, os salários eram muito baixos, com jornada de trabalho que duravam de 14 a 16 horas por dia e não existiam direitos trabalhistas. Os patrões eram autoritários e exploravam ao máximo a mão de obra da classe trabalhadora, para garantir os seus lucros, mantendo essa dependente das fábricas e das minas.²²

Ainda acerca das fábricas, Michelle Perrot sinaliza que:

Os fabricantes procuram empregar toda a família, para garantir o recrutamento e a fidelidade da mão-de-obra. Cada membro da família é utilizado conforme suas forças e seu estatuto. Como no sistema doméstico, o pai garante a aprendizagem, a disciplina e, sendo o caso, a remuneração dos seus filhos. [...] As mães, por sua vez, utilizam como ajudantes suas filhas ou os filhos muito novos [...].²³

²² PINHEIRO, Joel Carrion. *Trabalho Feminino no Brasil – Análise da evolução da participação da mulher no mercado de trabalho (1950-2010)*. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br>>. Acesso em: 22 set. 2014.

²³ PERROT, Michelle. *op. cit.*, p. 60.

A esse respeito, entende-se que nas fábricas, o pai era responsável pelo trabalho da família e pela subordinação dos filhos, uma vez que os salários eram baixíssimos e em virtude disso, era necessário que toda família trabalhasse para poderem sobreviver, então assim como na casa o paternalismo operava. Dessa forma, os donos de fábricas investiam menos em mão de obra para as funções de fiscalização, visto que a vigilância e o controle da produtividade e da assiduidade da prole eram do pai, uma casual revolta dos filhos contra os patrões, se converteria contra o pai.

As mulheres dividiam com os homens as péssimas condições de trabalho, nas fábricas e recebiam um salário muito inferior a eles, constantemente sofriam assédio sexual pelos patrões, além disso, sua jornada continuava no lar, onde tinha que limpar, lavar, cozinhar, ser esposa e mãe.

Quando não havia trabalho nas fábricas para as mulheres, ou o marido ficava desempregado, elas sempre tinham alguns trabalhos temporários, como lavar roupa para fora, fazer entregas para pequenos comerciantes, entre outros, além dos afazeres domésticos, para complementar o orçamento da família, ganhavam pouco por eles, eram ditas tarefas não qualificadas. Contudo as mulheres, não se calaram diante do poder dos homens, elas manifestavam-se também contra os patrões, pelos baixos salários pagos a seus maridos, enquanto os homens se mostravam mais reservados.²⁴

As mulheres percorreram um longo caminho para se inserir no mercado de trabalho, em busca de melhores condições e igualdade no trabalho, elas iniciaram suas lutas e marcaram fatos importantes na história. Um movimento de operárias de fábricas e da indústria têxtil de grande proporção que se tem notícias foi em Nova Iorque, Estados Unidos, uma longa greve que durou de 22 de novembro de 1909 a 15 de fevereiro de 1910. Depois se seguiu outra greve que ocorreu na mesma cidade em março de 1911, nessa greve houve um incêndio ocasionado pelas péssimas instalações de uma fábrica têxtil, onde 146 pessoas, na maioria mulheres imigrantes judias e italianas.²⁵

A Revolução Russa de 1917, teve grande contribuição para a emancipação da mulher, devido às alterações jurídicas ocorridas na Rússia em 1917 e nos anos

²⁴ *id. ibid* p. 190-191.

²⁵ JORNAL Praia da Costa. *O mito de 1857 – Como surgiu o Dia Internacional da Mulher*. Disponível em: <<http://www.jornalpraiadacosta.com.br>> Acesso em: 16 fev. 2015.

seguintes que foram revolucionárias e avançadas para a época. A mulher, nesse período, em todo o mundo, não possuía nenhum direito civil, seja na vida pública ou na vida privada. Logo após a Revolução Russa de 1917, se efetivaram uma série de direitos políticos, econômicos e sociais fundamentais para as mulheres.²⁶ Tais mudanças já haviam iniciado antes da Revolução, quando o governo provisório pressionado pelas massas revoltosas, sobretudo as mulheres, promulgou o direito ao voto feminino.²⁷

O aumento de mão de obra feminina ascendeu no trabalho por causa das guerras, no século XX, período marcado por duas grandes Guerras Mundiais. Os homens eram obrigados a atuarem nas batalhas, enquanto as mulheres ocupavam seus postos de trabalho temporariamente, em funções antes jamais ocupadas. Porém, com o fim da Segunda Guerra Mundial, as mulheres voltaram à sua condição de subordinação, retornando ao espaço doméstico para seu papel de esposa e mãe dedicada ao lar. Não obstante o esforço e competência com que atuaram as mulheres nas mais diversas funções, bem como, com o cuidado da família, sozinhas, durante os conflitos, tiveram que devolver aos homens os seus postos de trabalhos.

No Brasil, a participação das mulheres no mercado de trabalho também foi marcante nos escritórios, no comércio e nos serviços públicos. Surgiam ainda oportunidades de emprego como enfermeira, professora, funcionária burocrática, médica, assistente social, vendedora, entre outras, essas profissões exigiam maior qualificação, porém eram mais bem remuneradas.

As mulheres sempre tiveram participação no mercado de trabalho rural, mas foi com o crescimento da migração do campo para a cidade, na década de 1960, que houve um aumento considerável por causa das oportunidades de trabalho nas grandes indústrias, fábricas e estabelecimentos comerciais que cresciam, por conta da economia forte do período que o país vivenciava. Portanto se deu a entrada significativa da mulher no mercado de trabalho, em vários setores da economia, principalmente na indústria têxtil e de vestuário.

Porém, as mulheres trabalhavam também de maneira informal, se observava nas famílias do campo recém chagadas na cidade, com poucos recursos financeiros.

²⁶ PIRES, Manuela. *A Revolução Russa e os direitos da mulher*. Disponível em: < <http://www.pcp.pt>>. Acesso em: 11 de Fev. 2015.

²⁷ BUONICORE, Augusto. As conquistas da revolução. In: *As mulheres no socialismo: avanços e impasses*. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br>. Acesso em: 11 de fev. 2015.

Elas se ocupavam de trabalhos precários e informais, em funções de passeadeiras, cozinheiras, lavadeiras, e principalmente como empregadas domésticas, para ajudar no sustento da família.

Entre as décadas de 1960 e 1970 teve crescimento no número de comerciárias, devido o aumento de grandes e pequenos comércios, no qual a força de trabalho predominante era das mulheres. Contudo, Bassanezi destaca que:

[...] eram nítidos os preconceitos que cercavam o trabalho feminino nessa época. Como as mulheres ainda eram vistas prioritariamente como donas de casa e mães, a ideia da incompatibilidade entre casamento e vida profissional tinha grande força no imaginário social. Um dos principais argumentos dos que viam com ressalvas o trabalho feminino era o de que, trabalhando, a mulher deixaria de lado seus afazeres domésticos e suas atenções e cuidados para com o marido: ameaças não só à organização doméstica como também à estabilidade do matrimônio.²⁸

Embora o mercado de trabalho estivesse se abrindo em diversos setores para as mulheres desse período, em espaço antes destinados aos homens, a representação social a respeito da mulher de séculos atrás ainda era presente.

Em se tratando da família, observa-se que o papel das mulheres foi fundamental nos lares, onde elas administravam o salário do marido, que era bastante baixo, Perrot destaca que:

O matriarcado orçamentário, este lhes impõe encargos e preocupações e mesmo privações: empenhando-se em equilibrar receitas e despesas, a mãe de família [...] diminui sua parte. Ela reserva para o pai [...] o vinho, bebida quase exclusiva masculina, os melhores pedaços de carne, e para os filhos o leite e o açúcar.²⁹

Desde as sociedades anteriores, a mulher sempre se dedicou a família, em tempos difíceis ela diminuía sua parte em favor dos filhos e do marido. A mãe cabia o dever de educar os filhos, além de dar a iniciação às primeiras letras. Nesta tarefa verifica-se que em certa medida a mulher tinha o poder nas mãos, pois ela quem educava, contribuía para a formação do caráter e conscientizava para a sociedade. E o papel social reservado a elas; era o da maternidade e de esposa, continua sendo imposto, conforme destaca Bassanezi:

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das

²⁸ BASSANEZI. In: DEL PRIORE; BASSANEZI. *op. cit.*, p.624.

²⁹ PERROT, *op. cit.*, p.192.

características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura.³⁰

A esse respeito percebe-se que a mulher conquistou alguns espaços, como no campo da educação e do trabalho, mas continuava sendo subordinada ao marido no interior do lar.

Muitas mulheres que trabalhavam fora de casa, quando casavam, ou depois de dar a luz ao primeiro filho, deixavam o emprego para se dedicar somente a família. Entre as mulheres de classe média era difícil encontrar as que trabalhassem fora do lar, a não ser por necessidade financeira, mas de certa forma era vergonha para o marido.

Todavia, a partir dos anos de 1950, ocorriam algumas mudanças em relação ao namoro, a escolha já não era feita pelos pais, mas pelos jovens, claro que sempre havia influência dos pais. Mas, apesar da ideia de reciprocidade do amor conjugal, há desequilíbrio entre o afeto e a dedicação exigida entre o casal. A esposa era valorizada por seu cuidado com a família, ela era considerada a “rainha do lar”³¹ e era a principal responsável pela felicidade doméstica e também pela felicidade conjugal.

As mulheres deveriam dedicar-se exclusivamente as prendas domésticas, à criação dos filhos e ser carinhosa com o marido. Se o marido tivesse aventuras extraconjugais, as esposas deveriam ser compreensivas, e a culpa seria dela que não foi suficientemente carinhosa e dedicada.

No caso de uma traição por parte da mulher, o marido jamais perdoava, as adúlteras eram criticadas e poderiam ser punidas severamente, inclusive por autoridades, pois a prática do adultério era qualificada como crime de acordo com o Código Penal brasileiro³² da época, e embora se estendesse a ambos os sexos, na prática o procedimento era diferenciado dependendo do gênero que cometesse o adultério. As mulheres por sua vez, além de punidas, não eram consideradas boas mães. Pode-se constatar em relação às mulheres brasileiras: educação, trabalho e família, na década de 1950 a 1970, houve em certa medida um avanço nas conquistas de direitos tão almejados e há muito reivindicado por meio das lutas de

³⁰ BASSANEZI. In: DEL PRIORE; BASSANEZI. *op. cit.*, p.608.

³¹ BASSANEZI. In: *id. ibid.*, p.627.

³² Artigo 240 do Código Penal, que considerava a prática do adultério crime foi revogado em 2005 pela Lei nº 11.106/2005.

mulheres obstinadas que não se calaram ante ao poder dos homens que as refutavam e negavam seus direitos de seres humanos. Entretanto, ainda era nítido o preconceito em relação às mulheres.

2. AS MULHERES DE ARAUCÁRIA E SEU COTIDIANO NOS ANOS DE 1950 A 1970

2.1. UM PASSEIO HISTÓRICO PELA CIDADE DE ARAUCARIA

Houve um tempo em que a região, hoje conhecida por Araucária, era constituída por matas virgens, animais silvestres e alguns grupos humanos; índios Tingüis, sua presença no local originou o nome primitivo da região, eles a denominavam *Tindiquëra*, língua tupi-guarani, que significa: “Local onde habitam os Tingüis que são valentes e destemidos”. Esse grupo de índios foi o que mais se destacou, pelo número de indivíduos.³³

Com a chegada dos portugueses no Brasil e a exploração de novos territórios, viajantes que passaram pela região nos séculos XVI e XVII fizeram relatos e mapas das grandes aldeias indígenas, um desses viajantes foi o espanhol Nuñes Cabeza de Vaca, que passou por Tindiquëra em 1541, com sua expedição, causando espanto entre os indígenas que não conheciam cavalos.³⁴

Mais tarde, por volta do século XVII, houve a fixação de colonizadores portugueses, luso-brasileiros e alguns poucos escravos, na região dos Tingüis, a partir daí iniciou-se o cruzamento inter-racial entre brancos, negros e índios. O território dos primeiros habitantes foi ocupado, e sua cultura, aos poucos sobreposta pela cultura dos alienígenas.

Em 1731, deu início o tropeirismo, que foi um grande estímulo para Tindiquëra. A abertura do caminho por onde passavam as tropas entre São Paulo e Rio Grande do Sul, proporcionou à população novas possibilidades de emprego, e o desenvolvimento da região. Chegando a Tindiquëra, as tropas tinham que passar pelo Rio Iguaçu, e as mercadorias eram transportadas por meio de canoas, por essa razão foi construído, à margem direita do rio (acima) um pequeno porto de canoas,

³³ WACHOWICZ, Ruy C. *Origens de Tindiquëra*. Jornal dos Pinheirais. Araucária-Pr. Ano II, nº 31, v.2, p.1 e 5, fevereiro 1980.

³⁴ BOSCHILILIA. In: .PREFEITURA, Araucária, Municipal de. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. *A Construção de Uma História: A presença étnica em Araucária*. v.1. Araucária: Progressiva, 2010, (Coleção História de Araucária). p.12.

chamado inicialmente de “Passo das Laranjeiras”. Aos poucos a população foi transferindo-se para as margens do Rio Iguaçu, e em torno do porto começaram habitar famílias e trabalhadores das atividades de embarque e desembarque das canoas, formando a partir desse agrupamento um povoado e em 1844 o porto passou a chamar “Porto de Nossa Senhora dos Remédios”.³⁵

Pelo Decreto Estadual Nº 40, de 11 de fevereiro de 1890, a Freguesia do Iguaçu foi elevada a vila com o nome de Araucária, e como primeiro administrador foi nomeado intendente, o Major Sezino Pereira de Souza. A mudança do nome da vila foi sugestão do Dr. Victor Ferreira do Amaral, segundo ele, o nome botânico faz referência ao pinheiro, a “Araucária Brasileira”.

Das atividades econômicas nas terras de Tindiqüera, a exploração da erva mate já acontecia desde os anos de 1700, assim como no restante do Estado do Paraná. Antes mesmo da chegada dos luso-brasileiros, a erva mate, planta nativa das florestas regionais, já era consumida como alimento e estimulante espiritual pelos índios da região. No início atendia apenas a região local, e eventualmente ao litoral, nesse período a erva mate era preparada em soques rudimentar no próprio local. Novas técnicas de beneficiamento fez aumentar a produção e a erva mate foi introduzida no mercado dos países como Argentina, Uruguai e Chile ocasionando novas oportunidades de comércio e trabalho para a população da região. Depois houve a substituição dos engenhos de soque, pelos movidos a força hidráulica, além dos melhoramentos feitos na estrada da Graciosa, que permitiu o tráfego de grandes carroções o que significou um progresso no transporte. A superprodução dessa atividade envolvia quase toda a mão de obra disponível na região, desde a extração, o beneficiamento e a comercialização.

Diante desse cenário, no final do século XIX, começou a escassez de produtos alimentares ocasionada pela diminuição do número de escravos no quadro populacional do Paraná, e também pela superprodução da erva-mate que envolvia grande parte da mão de obra existente.

O então governador provincial Adolpho Lamenha Lins, desenvolveu uma política com base nas considerações de José Martins Ferreira de Abreu, que "consistiu em promover a imigração européia para o litoral e, sobretudo para os arredores de Curitiba”³⁶. Seu objetivo foi criar condições favoráveis para o

³⁵ WACHOWICZ, Ruy C. id.ibid. p.2

³⁶ WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Tomás Coelho - Uma comunidade Camponesa* (1977, p.9).

estabelecimento de milhares de aldeões europeus em propriedades subdivididas e fixá-los à terra como legítimos proprietários" ³⁷. A partir daí formou-se os núcleos coloniais, para solucionar o problema da falta de mão de obra agrícola.

A partir de 1876, chegaram as primeiras famílias de imigrantes poloneses, oriundos da Galícia austríaca e da Silésia prussiana, que se assentaram em 270 lotes de terras, formaram a primeira colônia, a maior dos arredores da capital, denominada Colônia Tomás Coelho.

Desde sua instalação, o núcleo colonial Tomás Coelho já tinha o objetivo precípua de produzir alimentos, baseado em mão de obra familiar. Até mais ou menos 1970 a forma de produzir e o resultado desta produção parece ter se mantido sem grandes transformações ou problemas.³⁸

Esses imigrantes, ao se estabelecerem, derrubaram as matas para construção de suas casas, para o plantio de lavouras, trigo, centeio, fumo, tubérculos, entre outros, e abertura de estradas para escoamento da produção.

Segundo estatística realizada em 1866, pelo governo da província, em torno de seis famílias alemãs, procedentes da Colônia Assungui na Freguesia do Iguassú, comprovando que os alemães foram os primeiros imigrantes a chegarem aqui. O imigrante alemão Pedro Hey, tinha uma serraria, desde 1870, na divisa dos rios Barigüi e Passaúna, local onde mais tarde seria estabelecida a colônia Tomás Coelho.

Em 1889, os primeiros judeus chegaram ao Paraná e se instalaram na Freguesia do Iguassú, na recém formada colônia agrícola polonesa de Tomás Coelho, vieram da Galícia Austríaca juntamente com outros imigrantes não judeus daquela região. "Eram os cinco homens e as três mulheres da família Flaks e os dois irmãos Rosemann".³⁹ Ao se estabelecerem, abriram um armazém de secos e molhados, e passaram a comercializar os gêneros agrícolas dos agricultores da Colônia.

³⁷ *id. ibid.*, p.9.

³⁸ KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. *O colono-polaco: a recriação do camponês sob o capital*. Curitiba: UFPR, 1983, p.5.

³⁹ GOUVÊA, Regina Rotenberg. *Comunidade Judaica em Curitiba; 1889-1970*. Curitiba, 1980, p.44. Dissertação de Mestrado em História – Setor de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br>. Acesso em: 08 nov. 2014.

Outro grupo étnico que se fixou na Freguesia, de forma espontânea, foram os italianos, segundo documentação oficial, assinala como data de chegada dos primeiros imigrantes dessa etnia, o ano de 1886, quando da criação da colônia Barão de Taunay. Embora, os registros no Arquivo Público do Estado do Paraná, e igualmente os livros de registros de casamentos do cartório de Araucária, apontam nomes de imigrantes italianos estabelecidos, desde 1877.

A partir do ano de 1895, se estabeleceram em Araucária, na colônia Ipiranga, e em Guajuvira, os Ucrânicos, oriundos de um grupo estabelecido em São José dos Pinhais, pelo governo do Estado, parte desse grupo abandonou os lotes e procuraram outras regiões para se fixarem. Foi possível a identificação dos ucranianos e seus descendentes, pelos registros dos documentos eclesiásticos existentes na capela da denominada colônia Ipiranga.

No início do século XX, novamente os portugueses começaram a imigrar com intensidade para o Brasil, contudo a preferência fosse pelas grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, algumas famílias foram atraídas para o Paraná pelo crescimento econômico agrícola. Uma das famílias que chegou a Araucária nesse período foi a do Sr. Antônio Alves Pinto, que montou a primeira fábrica de cerveja na cidade.

A partir da década de 1910, chegaram ao município as primeiras famílias sírias e libanesas, alguns se estabeleceram na área rural, e outros na área urbana se dedicando a atividade comercial. Após a Segunda Guerra Mundial, por volta de 1953, uma nova leva de imigrantes sírios e libaneses veio para o município.

Nessa perspectiva, o município começava a despontar em outras atividades, embora a maioria da população estivesse inserida na atividade agrícola, por conta dos imigrantes, surgiam pequenas fábricas e lojas de comércio. E devido a grande quantidade de madeira de ótima qualidade, imbuia e araucária, surgiram várias serrarias de propriedade de descendentes de alemães e de italianos. A madeira beneficiada era vendida em Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo, as serrarias de pequeno porte vendiam a consumidores locais e arredores da cidade. Uma serraria de grande destaque para o município foi a Emílio Voss, que exportava madeira para a Alemanha. No ano de 1907, a empresa Emílio Voss e Filhos, fez contrato com a Prefeitura de Araucária para fornecer luz elétrica para a cidade, aproveitando as máquinas da serraria que geravam energia.

Por conta do crescimento da indústria madeireira, houve o desenvolvimento econômico da região, favorecendo a abertura de mercado para outras atividades, como olarias, moinhos, fábricas de: palhões⁴⁰, caixas de madeira, torrefação de café, fósforo, cerveja, de balas e bolachas. A indústria madeireira trouxe ainda muitos benefícios à cidade, como o fornecimento de energia elétrica, serviço telefônico e o desenvolvimento do comércio e do transporte que era feito principalmente por estrada de ferro. A respeito da chegada do telefone em Araucária, Reinaldo Alves Pinto, relatou:

As indústrias de madeira trouxeram o telefone para Araucária, Acho que em 1912 todas essas serrarias tinham telefone, pois até lá em Guajuvira de Cima por causa da serraria do seu Emílio Vargas e Ernesto Buchmann. Na antiga estação de Araucária tinha a serraria do seu Pedrinho Pizzato com telefone. Algumas casas de comércio como a do seu Friedmann que também tinha telefone [...]. O telefone acabou na época em que houve a decadência das serrarias, pela falta de matéria-prima.⁴¹

Durante o período da exploração da madeira, o transporte era feito por estrada de ferro que existia no município desde 1891. Para o estado de São Paulo, a madeira ia direto de trem, e para o Rio de Janeiro, ia de trem até Paranaguá e depois seguia de navio. Além da madeira, partiam da Estação vagões carregados de cereais, entre outras cargas, funcionava também o transporte de passageiros. Ainda sobre a Estação, Paulo Sérgio relatou que passava:

[...] comboios de vagões carregando gado e também tanques militares do batalhão do Exército vindos de Ponta Grossa e do norte do Paraná, além dos trens de subúrbio, que eram composições mistas de cargas e passageiros que na época era nosso único meio de transporte até a capital.⁴²

A economia da madeira em Araucária entrou em crise por volta da década de 1930, por causa da devastação das reservas locais. A matéria-prima era encontrada em regiões muito distantes, o que impossibilitava a atividade, muitos proprietários transferiram suas serrarias para o interior do Paraná e o norte de Santa Catarina.

⁴⁰ As fábricas de palhões produziam invólucros de proteção para garrafas de vidros e esteiras para proteção de frutas como cacho de banana; a matéria prima era a palha do trigo e do centeio.

⁴¹ PINTO, Reinaldo Alves. Depoimento concedido a Roseli T. Boschilia, em 05 out. 1989. *Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres*. Araucária.

⁴² ZAGESKI, Paulo Sérgio. Depoimento disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br>> Acesso em: 25 set. 2014.

Diante disto, acarretou a população do município um grave declínio econômico, até a década de 1950.

Com a retirada da maioria das serrarias do Município, grande parte da população continuou se dedicando à agricultura, principalmente às plantações de cereais, que por sua vez proporcionou o funcionamento de muitos moinhos, tanto na zona rural, como na cidade.

Aos poucos Araucária foi despontando por sua produção de batata-inglesa, que movimentava a economia da cidade, a qual vinha ganhando espaço desde o início do século XX. Na década de 1930, se abriu o mercado para o consumo de batata-inglesa nas grandes cidades, aumentando assim as áreas plantadas no município. Devido a demanda do mercado, a mão de obra familiar já não era suficiente na época de colheita, então os colonos contratavam grupo de pessoas, e até famílias inteiras, durante a safra.

Nesse contexto, apareceram muitos armazéns de beneficiamento na cidade, os donos desses estabelecimentos compravam a produção dos colonos e vendiam para São Paulo e Rio de Janeiro, o transporte era feito de trem. Reinaldo Alves Pinto, que trabalhou como fiscal de classificação de batatas relatou que muitas mulheres e também crianças trabalhavam nos armazéns:

Eram proprietários de armazéns de batata os senhores Hermínio Brunatto, João Assef, Martins Jess, Jacomel, Wachowicz, o Lesniovski e os Máticoski [...]. Alguns tinham máquinas para classificar, outros não tinham máquina, classificavam na mão, no monte [...]. Trabalhava muita mulher, muita mocinha na escolha de bata, porque era uma mão de obra barata [...]. Também trabalhavam menores, de 10, 12 anos [...].⁴³

Os armazéns abriram frente de trabalho para as mulheres e crianças, que tinham nesse tipo de atividade, que crescia no município, a oportunidade de ganho para auxiliar no sustento de casa. Entre as décadas de 1940 a 1960, Araucária foi o maior produtor de batata-inglesa do Estado, depois foi superada em produção, pelo município de Contenda.

Outra atividade que envolvia grande parte da mão de obra disponível eram as fábricas de massa de tomate, a maioria era caseira, que utilizavam apenas mão de obra familiar, e fábricas de médio porte com cerca de cinco empregados.

A maior fábrica do município pertencia ao sr. Archelau de Almeida Torres,

⁴³ PINTO, Reinaldo Alves. Depoimento concedido a Roseli T. Boschilia, em 05 out. 1989. *Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres*. Araucária.

descendente de Espanhóis, que com sua família se fixou na cidade em 1928, atraído pela economia em expansão, abriu sua indústria de massa de tomate, de nome, Indústria Torres, na década de 1940, a indústria tinha em média vinte empregados, entre homens, mulheres, e também crianças. A indústria comprava tomate dos colonos, e também a massa de tomate das fábricas domésticas. A produção era vendida para Curitiba, interior do Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Juiz de Fora e Rio de Janeiro.

Nos anos de 1950, a concorrência com grandes empresas de capital estrangeiro, inviabilizou o comércio do produto nos principais centros consumidores. A indústria ainda tentou inovar o negócio, com compotas e doces de frutas, mas encerrou suas atividades na década de 1960.

A área onde funcionava a antiga fábrica, pertencente à família Torres, foi adquirida em 1982, pela prefeitura municipal de Araucária e transformada em uma área de lazer, pública, denominada de Parque Cachoeira, o antigo prédio das Indústrias Torres, de valor histórico, abriga o Museu Tingüi-Cuera, nome que recebeu quando da inauguração no ano de 1980, em homenagem aos primeiros habitantes, os índios tingüis.

Outra família de imigrantes que veio para Araucária, na década de 1940, foram os franceses de sobrenome Charvet, contudo já havia franceses estabelecidos no município desde o final do século XIX. O sr. Alfredo Charvet, nascido na França em 1910, veio para o Brasil em 1936, e dois anos depois, em São Paulo, no Bairro do Brás fundou a Companhia São Patrício.

Em Araucária o sr. Charvet , fundou a Companhia de Beneficiamento de Linho São Manoel, essa fornecia matéria-prima para a indústria São Patrício, em São Paulo, que produzia fios e tecidos de linho, e desde o início da Segunda Guerra Mundial estava enfrentando problemas com o fornecimento da matéria-prima que vinha da Europa. O grande contingente de descendentes de poloneses, conhecedores das técnicas na cultura do linho, unida ao clima propício do município, estimularam a transferência da própria Companhia São Patrício para Araucária, em 1947, o que proporcionou nova frente de trabalho a população araucariense.

A respeito da instalação da Companhia no município, a Sra. Maria Luiza Cintra Charvet, esposa do Sr. Alfredo, contou:

A companhia São Patrício veio para suprir a matéria-prima destinada à fábrica de linho, porque o fornecimento havia sido interrompido devido a

Segunda Guerra Mundial [...]. *Araucária* foi escolhida devido às condições do clima, às margens de terra que eram propícias [...] e os poloneses já sabiam lidar com o linho em caráter privado [...]. A *matéria-prima* era obtida através da distribuição de sementes de linho para os colonos, a quem era garantido um preço mínimo e que, então, tinha contrato para vender a palha e o excedente das sementes deles para a Companhia.

O pessoal técnico era francês [...] depois foram formados aqui brasileiros e descendentes de poloneses e italianos. Com relação ao mercado interno, pode-se dizer que não havia competição assim, em relevo. E quanto à exportação, a produção toda era vendida no Brasil. Então não havia exportação. *Araucária nesta época* era uma vilazinha [...] muito simpática. Com poucos habitantes. [...] A indústria trouxe mais gente para a cidade, inclusive alguns rapazes da colônia. [...] A *Companhia São Patrício* trouxe um surto econômico muito bom, aumentando o rendimento, pode-se dizer, de todos os moradores. Desde aqueles que tinham negócios [...]. E venda porque aumentou o poder aquisitivo da população.⁴⁴

O processo da industrialização do linho envolvia a distribuição de sementes aos colonos, que depois vendiam a produção para as indústrias de beneficiamento, entre elas a Companhia São Manoel, que processava o linho e repassava a matéria-prima à São Patrício. Existia no município cerca de trinta outras indústrias de beneficiamento de linho durante a década de 1940.

Nas Companhias São Manoel e São Patrício a maior parte da mão de obra era de mulheres e de meninas. Sobre seu trabalho na São Patrício, dona Neusa de Souza Pinto, nascida no ano de 1944, em Araucária, trabalhou desde menina na fábrica, contou:

Iniciei na Companhia [...] uns meses antes de completar quatorze, porque quatorze anos era a idade que podia ser registrada [...] trabalhava na fiação seca. Repassava fios, de carretéis pra rocas, então daquilo ali, ia pra outra seção, e depois ia pra seção onde eles faziam o tecido. Trabalhava oito horas, quando necessário a gente fazia hora extra de mais quatro horas.⁴⁵

Dona Maria Elisa do Rosário Padilha, nascida em 1937, no município da Lapa, também foi operária da Companhia São Patrício, e contou como era o seu trabalho:

Comecei a trabalhar com vinte anos [...] na seção úmida, seção molhada [...] trabalhava com o fio, já vinha preparado, o fio, a gente passava para outro carretel de fio, trabalhei por dez anos e passei para outro setor. Foram

⁴⁴ CHARVET, Maria Luiza Cintra. Entrevista concedida à equipe do projeto Memória de Araucária em, 31 out. 1989. *Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres*. Araucária.

⁴⁵ BELO, Neusa de Souza Pinto. *Entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 15 out. 2014.

catorze anos e meio. Eu ainda continuei depois que casei, só que a Companhia tava falida. Daí a gente ficou até nos últimos suspiros, aí a gente fez acordo e sai.⁴⁶

Por conta dos negócios das Companhias São Manoel e São Patrício, o Sr. Alfred Charvet construiu um campo de aviação, que funcionou entre as décadas de 1950 e 1960, em terreno próprio das suas empresas, que ficava localizado próximo de onde hoje está sediada a Câmara Municipal de Araucária. Um avião de pequeno porte, também pertencente as empresas era utilizado para sobrevoar as plantações de linho na região de Araucária, cidades vizinhas de Contenda e Mandirituba, e também na cidade de Mallet / PR.

A Companhia São Patrício, foi uma empresa que contribuiu muito no processo de industrialização em Araucária, bem como no desenvolvimento econômico e social. Mas começou a enfrentar problemas econômicos, em meados dos anos de 1960, pois iniciaram no Brasil os produtos sintéticos, e a São Patrício não se preparou para competir com essas inovações, acabando por encerrar suas atividades nessa mesma época. A esse respeito Roseli T. Boschilia apontou:

A Indústria São Patrício teve uma grande participação no desenvolvimento do Município durante o período em que esteve instalada em Araucária. Além de incentivar e dar viabilidade econômica à cultura do linho, absorvendo a produção do Município e arredores, trouxe no seu rastro a instalação de outras indústrias de beneficiamento, processo que gerou novos empregos, possibilitando melhores condições de vida para a população.⁴⁷

Até o final da década de 1960, Araucária ainda era uma cidade pequena, com poucos habitantes, algumas indústrias, e algumas casas de comércio, sua economia estava baseada essencialmente na agricultura, e na pecuária. Dona Neusa, relatou como era a cidade nos anos de 1950 a 1960:

[...] em todas as ruas, não tinha nenhum asfalto eram saibros. Banco, [...] que eu lembro, o Banestado, a Caixa Econômica, a eletricidade era até umas horas da noite, depois eram cortada, eram apagadas se não me engano ficava até umas dez horas da noite [...] quem podia tinha *iluminação*

⁴⁶ PADILHA, Maria Elisa do Rosário. *Entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 15 out. 2014.

⁴⁷ BOSCHILILIA. In: .PREFEITURA, Araucária, Municipal de. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. *Agricultura e Indústria: A Memória do Trabalho em Araucária*. . v. 1..Araucária: Progressiva, 2010, (Coleção História de Araucária). p.60.

elétrica em casa, porque cada qual tinha que fazer pra si, e muita gente ainda não tinha, vivia no escuro.⁴⁸

Além da produção de batata que ainda era uma das principais culturas, começou a predominar a produção de ovos e frangos de corte, que aumentou consideravelmente com a entrada dos japoneses no ramo, que chegaram ao município no ano de 1950.

Os japoneses, além da avicultura, se dedicaram a fruticultura, o pêssego foi uma fruta largamente cultivada por eles, e também por outras etnias em Araucária. A primeira Festa do Pêssego foi organizada pelos japoneses na comunidade da Fazendinha no ano de 1971, um grande evento que acontece todo o ano, e mobiliza a cidade até os dias atuais.

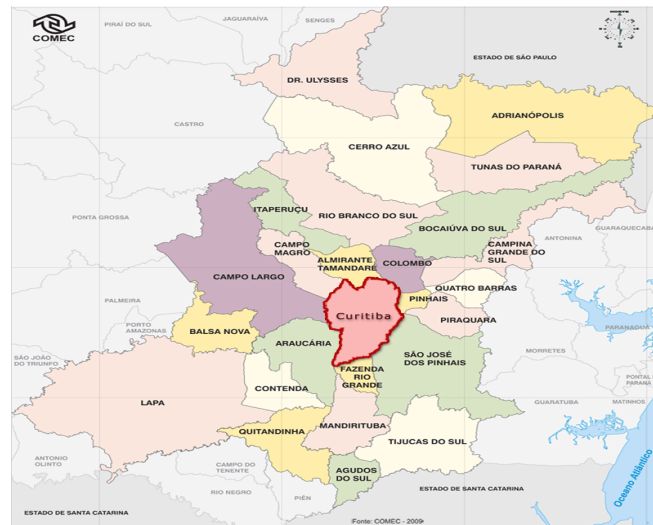
A capital paranaense em meados de 1960, vinha se transformando, a cidade contou com uma geração de planejadores, arquitetos e urbanistas, que redesenhavam o perfil de Curitiba e do Paraná, para uma área de desenvolvimento econômico e cultural, e nesse rastro de mudanças seguiu a região metropolitana.

Araucária começara a sentir ares da industrialização, em 1963 já estava instalada às margens do Rio Iguaçu, a Companhia de Celulose e Papel do Paraná – Cocelpa foi a primeira grande fábrica instalada em Araucária.

Em 1972, o município de Araucária foi escolhido por sua localização geográfica, para a instalação da Refinaria Presidente Getúlio Vargas (REPAR). A instalação da Refinaria exigiu que a região estivesse apta para abrigar um complexo petroquímico e sua infraestrutura, transporte para escoamento de produtos, e o estabelecimento de outras indústrias ligadas ao setor. Diante disto, foram compradas várias propriedades, somando uma área de 10 milhões de metros quadrados.

⁴⁸ BELO, Neusa de Souza Pinto. *Entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 15 out. 2014.

FIGURA 1
MAPA DA REGIÃO METROPOLITANA
DE CURITIBA – RMC



Fonte: <<http://www.guiageo-parana.com>> Acesso em: 21 nov. 2014

Parte das propriedades adquiridas era particulares, pagas com o valor do mercado vigente, também foi extinta uma unidade do Exército, denominada de Coudelaria Tindiquera, criada em 1936, com a finalidade de criação e manutenção de cavalos bretões para o uso do exército, e do desenvolvimento agrícola e correção do solo. Os militares beneficiavam o município melhorando a qualidade dos animais dos agricultores da região. Os moradores de Araucária frequentavam a Coudelaria para apreciar os animais, assistir as corridas de cavalos, fazer piqueniques e para jogar futebol. Nos fins de semana aconteciam bailes, e seção de cinema no salão do Grêmio dos Militares.

Na inauguração da Refinaria, em 27 de maio de 1977, esteve presente o Presidente Ernesto Geisel, entre outras autoridades federais, estaduais e municipais, pela primeira vez a cidade recebeu um Presidente da República.

A instalação da Petrobrás significou um grande salto no processo de industrialização de Araucária, em menos de uma década muitas empresas do setor industrial, comercial e outros segmentos se instalaram na cidade, atraídas pela Refinaria, proporcionando crescimento econômico, e novas frente de trabalho.

A população da cidade aumentou consideravelmente em meados da década de 1970, vieram muitos trabalhadores para a instalação da Refinaria, e depois para trabalhar na mesma, muitos não voltavam para suas cidades de origem, trouxeram suas famílias e se estabeleciam no município.

A cidade, tipicamente agrícola passa a ser industrial dando lugar ao progresso. Houve uma brusca mudança na vida das pessoas que moravam aqui, o aumento populacional repentino transformou a rotina da tranquila cidade que teve que se adaptar em muitos aspectos.

Ao longo da história do município de Araucária, os diferentes grupos étnicos que o povoaram desde o início contribuíram para o crescimento demográfico, político, econômico, social e cultural da região. Outros, antes mesmo da fase industrial do município ser iniciada, foram empreendedores dando sua contribuição no desenvolvimento pré-industrial. Elementos dessas culturas, como a culinária, os costumes, as festas, a religião, estão presentes no cotidiano da população, até os dias atuais.

2.2. O PAPEL SOCIAL DAS MULHERES EM ARAUCÁRIA, NAS DÉCADAS DE 1950 A 1970

As mulheres pobres trabalhavam desde cedo em várias funções nas fábricas, ou em casa de família como empregada doméstica ou babá, diferentemente das mulheres de classe média, que possuíam educação formal, muitas delas faziam o curso normal e começavam a trabalhar como professoras, além de atuarem em outras atividades, que remunerasse mais, e algumas dessas mulheres deixavam de trabalhar quando se casavam, para se dedicar somente a família. Havia também as mulheres das propriedades rurais, que desde meninas trabalhavam, a elas cabiam o cuidado da casa, o trato dos animais, o lide na lavoura, e quando se casavam continuavam com esses afazeres, o cuidado dos filhos, e também a comercializar a produção se fosse necessário.

Percebe-se por meio dos relatos das mulheres, que grande parte das meninas de famílias pobres trabalhava em funções de grande responsabilidade, a esse respeito, dona Neusa contou:

Registrada comecei nos quatorze anos, mas antes disso com onze anos mais ou menos já trabalhava em casa de família, assim ajudando nos afazeres de casa, chácara, então dos onze até os quatorze eu trabalhei assim cuidando de criança, tipo acompanhante, mas também já fazendo as

cosias, então neste período eu fiz isso, porque tinha que ajuda (*sic*) a mãe a cuidar dos menores, porque eu sou a mais velha.⁴⁹

O município iniciara seus primeiros passos para um processo industrial, a partir dos anos 1950, havia algumas fábricas instaladas, que atraiu grupo de pessoas, e até famílias inteiras deixavam o campo em busca de trabalho na área urbana e melhores condições de vida.

Dentre essas, estavam as fábricas de palhões⁵⁰, essa atividade já era explorada desde o início do século XX, pelos poloneses de Tomáz Coelho, e de outras colônias, para aproveitamento do excedente das palhas de centeio, cereal cultivado por quase todos os colonos.

FIGURA 2
TRABALHADORAS DA FÁBRICA DE PALHÕES - 1950



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres. Araucária.

As fábricas de palhões empregavam, em sua maioria mulheres e crianças, o que se comprova no relato de Dona Hinriqueta Jonkowski Ripka, nascida em 1939, começou a trabalhar desde de menina, dos treze aos dezoito anos:

Meu pai era carroceiro dessa fábrica, todas as minhas irmãs trabalhavam lá [...]. A mãe cuidava da casa [...]. Existia um pavilhão de madeira onde ficava o maquinário. A caldeira ficava num local separado. As palhas de centeio, trigo e arroz eram guardadas nos paiós [...] a palha vinha em feixes das lavouras. Os empregados da firma iam buscar com carroças [...] mais tarde

⁴⁹ BELO, Neusa de Souza Pinto, entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger, em: 15 out. 2014.

⁵⁰ As fábricas de palhões produziam invólucros de proteção para garrafas de vidros e esteiras para proteção de frutas como cacho de banana; a matéria prima era a palha do trigo e do centeio

iam de caminhão. A palha era descarregada, cortavam as pontas e eram feitas as capas [...]. Umhas quinze mulheres trabalhavam nas máquinas, costuravam as capinhas. Depois que as capas eram prensadas para fechar as pontas, dois homens faziam os fardos, prensavam o fardo e passavam um arame [...]. Eu e mais quatro meninas trabalhava empilhando as capas que saíam das máquinas, dentro de caixas para serem prensadas [...]. Trabalhava da 7h da manhã até às 5h da tarde, com intervalo de uma hora. Ganhava conforme o número de caixas que conseguia encher. [...] Quando as máquinas quebravam a gente ficava sem serviço [...]. Uns dois anos depois passei para a seção de costura. Uma pessoa costurava, outra cortava as pontas e amarrava enquanto as crianças empilhavam [...]. Nessa época quase não fabricavam mais capas para garrafas, faziam mais esteiras para cacho de banana [...]. A palha de centeio era melhor para trabalhar.⁵¹

Por conta da introdução das máquinas agrícolas que danificavam as palhas, deixando-as impróprias para a utilização pelas fábricas, e também pela inovação das embalagens das mercadorias, as fábricas de palhões foram aos poucos encerrando suas atividades.

A Indústria Torres, também empregava mão de obra feminina e infantil, como pode ser observado no relato do Sr. João Biscaia, nascido na cidade de Araucária em 1926, ex-funcionário da fábrica, que explicou sobre o processo de produção, e as condições de trabalho:

Dos 12 aos 19 anos, trabalhei em diversas fábricas de massa de tomate. Muitos colegas de escola também trabalhavam nessas indústrias. Eram quatro fases distintas: plantio, colheita, lavagem e preparação das frutas e preparação da massa. Contratavam muitas crianças para a colheita (mais ou menos cinco por semana). Também trabalhavam na colheita pessoas idosas que orientavam o trabalho. A gente ganhava 500 réis por dia. Trabalhávamos das 6 horas da manhã até anoitecer, parava uma hora para o almoço. Em dia de chuva, a gente ia para o galpão descascar milho. Depois de colhidos, os frutos eram levados em carroças até a fábrica. As mulheres e crianças passavam o dia retirando os “cabinhos” do pimentão. Existiam tachos grandes onde eram colocados os frutos, já lavados para ferver. Depois disso, a massa passava por um funil onde eram separadas a pelo e a semente (manualmente). Depois que a massa de tomate saía do funil, voltava para o tacho para apurar durante 4 horas. Para mexer a massa enquanto estivesse mole usava-se um rodo de mais ou menos três metros; depois usava-se a pá (mais ou menos um e meio metro). Quando a massa estava na consistência adequada, após a colocação do sal, o tacho era retirado pelas alças (usando-se uma vara comprida) por dois homens e dali a massa ia para grandes caixas de madeira e armazenadas num depósito.

⁵¹ RIPKA. *ap.* BOSCHILIA. In: PREFEITURA, Araucária, Municipal de. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. *Agricultura e Indústria: A Memória do Trabalho em Araucária*. v. 1. Araucária: Progressiva, 2010, (Coleção História de Araucária), p.69.

Para a comercialização a massa era colocada em caixas menores. Nas fábricas menores os filhos auxiliavam os pais e empregados.⁵²

Mas, sem dúvida a indústria que mais empregou mão de obra feminina, no período em que esteve ativa, foi a Companhia São Patrício, Terezinha Lima Pinto, foi uma dessas operárias que começou a trabalhar ainda menina na São Patrício, em 1942, permanecendo até o seu encerramento, contou sobre o seu trabalho:

Comecei a trabalhar na Companhia São Manoel com 11 anos. Tinha mais ou menos 100 empregados. Os homens pegavam a palha e colocavam nuns tanques com água onde ficava alguns dias. Depois a palha era estendida num estaleiro para secar [...]. Aí era feita a malhação, a palha era amarrada e levada para outra seção. Aí mulheres quebravam os feixes e batiam ter a fibra. Depois era feita a penteação [...]. No começo eu trabalhava na quebradeira, mas o trabalho das crianças era desfiar a palha. Trabalhava da 7h às 11h30 e das 13h às 17h15 [...]. Com 14 anos comecei a trabalhar na bateadeira e um ano depois fui registrada [...]. Quando eu tinha 21 anos, comecei a trabalhar na Companhia São Patrício, como tecelã. Nessa época tinha mais ou menos 200 empregados. A maior parte dos funcionários eram mulheres. Alguns homens trabalhavam como contramestes e outros faziam o transporte dos fardos [...]. Tinha quatro ou cinco teares e a gente trabalhava em dois turnos com revezamento semanal, das 5h às 13h30 e das 13h30 às 22h [...]. O salário era pago mensalmente de acordo com o rendimento do trabalho. Se o maquinário estragasse o rendimento era menor [...]. Era a única indústria onde as mulheres podiam trabalhar. Se perdesse aquele emprego ficava sem trabalho.⁵³

FIGURA 3- PRODUÇÃO DE LINHO QUEBRADEIRA DE LINHO À FORÇA MOTRIZ



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres. Araucária.

⁵² BISCAIA. ap. BOSCHILIA. In: PREFEITURA, Araucária, Municipal de. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. *Agricultura e Indústria: A Memória do Trabalho em Araucária*. v. 1. Araucária: Progressiva, 2010, (Coleção História de Araucária), p.53.

⁵³ PINTO. ap. BOSCHILIA. In: PREFEITURA, Araucária, Municipal de. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. *Agricultura e Indústria: A Memória do Trabalho em Araucária*. v. 1. Araucária: Progressiva, 2010, (Coleção História de Araucária), p.60.

Os depoimentos das antigas operárias das fábricas revelam que a rotina de trabalho era bastante difícil, oito horas de trabalho pesado e árduo, que muitas vezes eram estendidas para horas extraordinárias . As mulheres trabalhavam nas fábricas por necessidade financeira, sempre para ajudar no sustento da casa, desde meninas, quando jovens, além de ajudar em casa já começavam comprar seu enxoval, preparando-se para o casamento. Dona Neusa relatou que além de ajudar em casa ainda comprava seu enxoval:

[...] eu sempre fiz alguma coisinha com o salário [...] quando solteira eu ajudava meus pais em casa, todo mundo tinha que da (*sic*) uma parte pra manutenção da casa, então eu ajudava com uma parte pra casa, uma parte tinha combinado de comprar as coisas pra mim, [...] comprei máquina de costura, comprava as vezes um móvel, porque eu comecei a namorar cedo [...] tava (*sic*) me preparando, então eu sempre tive prestações [...] pra roupinha da gente, já queria me cuidá (*sic*) um pouquinho melhor, [...] fazia o enxoval, então tinha duas, três prestação e ajudava em casa [...]⁵⁴

Depois de casadas muitas mulheres continuavam a trabalhar fora, grande parte da mão de obra feminina não era especializada, as mulheres não possuíam estudo, quando estudavam era em média até o quarto ano primário, e para ajudar em casa começavam a trabalhar muito cedo. A respeito da educação, dona Neusa contou:

[...] eu fiz até a 4ª série, na escola Sagrado Coração de Jesus, que não tinha mais era só até a 5ª série [...]. Daí eu fiz a 5ª série no Dias da Rocha, então o meu estudo foi até a 5ª série. No Sagrado, era colégio interno, [...] eu fiquei interno porque meus pais não tinham condições pra dar estudo nem nada, então eu trocava meu estudo por trabalho. [...] ficava a semana toda, ajudava fazer as coisas na cozinha, fui interna, mas não como particular, fui pra ajudá [*sic*] no trabalho. [...] até onze anos eu fiquei lá. [...] Eram meninos e meninas, mas era bem separado [...] a ala de meninos e meninas. Mas o colégio interno era só para as meninas.⁵⁵

Contudo, as fábricas também era um local de sociabilização, ali se faziam muitas amizades, assim como no passado as mulheres nos lavadouros públicos, criavam um espaço de sociabilização, “um centro de encontro onde se trocam as

⁵⁴ BELO, Neusa de Souza Pinto. *Entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 15 out. 2014.

⁵⁵ BELO, Neusa de Souza Pinto. *Entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 15 out. 2014.

novidades do bairro, os bons endereços, receitas e remédios, informações de todos os tipos”.⁵⁶

Dona Neusa comenta sobre as amigadas na fábrica: “[...] tinha as amigadas do trabalho da São Patrício né, então tinha quatro, cinco amigas ali, e que a gente foi amigas o tempo todo, os sete anos, a gente sempre convivia junto [...]”.⁵⁷

Mas depois da rotina das fábricas ou da escola, em casa a rotina dessas mulheres continuava, muitas vezes trabalhavam até tarde da noite, e levantavam muito cedo para dar conta de manter tudo em ordem para a família, como podemos verificar no relato de dona Neusa:

[...] os *filhos* se cuidavam e ajudavam a gente também, os maior (*sic*), os mais velhos ajudavam eu a criar os menores [...] eu amassava aquelas formas de cinco quilos de trigo numa amassadeira lá grandalhona, amassava dez horas da noite na mão, [...] pra cinco horas da manhã, eu levantava daí, já tinha forno fora, assava tudo, quando saía oito horas já deixava o pão tudo assado, quentinho pra eles tomá (*sic*) café, então a gente plantava no quintal direto, tinha verdura direto pras criançada, então quando meus filhos eram pequenininhos eu consegui me manter porque eu me virava muito ... dormia quatro cinco horas por noite, dormia pouco porque aumentava com a noite pra poder trabalhá (*sic*) fora daí pra consegui o dinheirinho pra outras coisas né.⁵⁸

Dona Matilde Ilkiu Pinto, nascida em 1942, trabalhava fora como professora, contou como fazia para cuidar da casa:

No começo eu tinha empregada o dia todo, depois ela vinha durante a manhã e voltava de tarde. Eu chegava em casa, fazia o almoço, a aula terminava onze e meia, meio dia o almoço tava na mesa, eu sempre fui assim eu levantava cedo, tomava banho, vinha pra cozinha, deixava preparado o arroz, o feijão, desligava tudo, chegava em casa ai era só fritar o bife, sempre me planejei. Sempre me organizei, em tudo tem que ter planejamento.⁵⁹

Com tantos afazeres, a vida das mulheres casadas que trabalhavam fora se tornava mais difícil, vale lembrar o que assinalou Simone Beauvoir “Antes de tudo, os encargos do casamento permanecem muito mais pesados para a mulher do que

⁵⁶ PERROT. op cit., p. 202-203.

⁵⁷ BELO, Neusa de Souza Pinto. *Entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 15 out. 2014.

⁵⁸ BELO, Neusa de Souza Pinto. *Entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 15 out. 2014.

⁵⁹ PINTO, Matilde Ilkiu. *Entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 19 ago. 2014.

para o homem”.⁶⁰

Embora algumas mulheres contassem com a ajuda de parentes para cuidarem da casa e de seus filhos, também os próprios filhos quando atingiam uma certa idade começavam a cuidar dos irmãos menores e dos afazeres domésticos, ainda assim, administrar a casa era responsabilidade das mulheres. Em seu relato dona Maria Elisa explica como era o cuidado da casa:

Tinha a minha cunhada, que cuidou da minha filha [...] ela já tinha quatorze anos. Porque eu trabalhava oito horas. [...] a roupinha ela mesmo fazia do jeito dela, depois no sábado e no domingo, que dizer que sábado entrava para o trabalho também, aí no domingo [...] a gente dava conta.⁶¹

As mulheres deste período enfrentaram muitas dificuldades, a necessidade financeira as obrigavam trabalhar fora para ajudar no sustento da casa, mas por outro lado não eram ajudadas pelo marido, nos afazeres domésticos ou no cuidados com os filhos, dona Neusa relembra o quanto foi difícil criar os filhos e trabalhar fora:

[...] eu me virei o que pude, pra eles estudarem, até a oitava série [...] depois fizeram o segundo grau, [...] contabilidade, curso técnico [...] eles começaram a trabalhar muito cedo, treze, quatorze anos, eles foram se ajudando pra se virar cada qual pra si, [...] duas, três filhas começaram com quinze anos na prefeitura daí uma foi encaixando a outra, fizeram concurso passaram graças a Deus, então eles se encaminharam cedo pro melhor, não foi que nem eu que passei né, [...] daí por isso que deu pra mim (*sic*) ir costurando, mas foi difícil, [...] pra criar eles, quando eu trabalhava fora [...].⁶²

Algumas mulheres que tiveram condições de estudar trabalhavam como professoras, e outras profissões que eram mais bem remuneradas. No magistério nessa época ainda era predominante a presença das mulheres, pois era vista como profissão feminina, porque: “A professora é apresentada como objeto do desejo amoroso; no entanto, ela ainda é pura como uma ‘operária divina’ [...]”⁶³

Dona Matilde, trabalhou durante muitos anos em Araucária como professora, pela prefeitura e pelo Estado, relata como foi desde a sua formação até começar como professora:

⁶⁰ BEAUVOIR, *op. cit.* p. 172.

⁶¹ PADILHA, Maria Elisa do Rosário. *Entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 15 out. 2014.

⁶² BELO, Neusa de Souza Pinto. *Entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 15 out. 2014.

⁶³ LOURO. In: DEL PRIORE, Mary. *op. cit.*, p. 470.

Eu fiz magistério em Porto União [...] em 63, no colégio Santo Anjo, fui lecionar em 64, [...] no internato Santa Terezinha que também era da parte das freiras do Divino Espírito Santo. Eu me casei em União da Vitória e *viemos para Araucária*. Em seguida eu já dei aula pela prefeitura [...] e em 70 que eu fiz o concurso pelo estado. Eu [...] gostava de dar aula.⁶⁴

FIGURA 4- CONFRATERNIZAÇÃO DE COLEGAS DE TRABALHO NA ESCOLA



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres. Araucária.

Dona Matilde ainda relata que seu marido não a impedia de trabalhar fora e não requeria nada de seu salário ela ajudava de forma espontânea: “sempre ajudei em casa voluntariamente, não que meu marido pedisse, sempre gostei, sempre houve participação [...]”.⁶⁵

Em relação ao lazer daquela época, percebe-se que as mulheres independentemente da sua condição social participavam de muitas atividades, exceto em clubes particulares cuja utilização era exclusivo para sócios. Embora Araucária, fosse uma cidade com poucos habitantes, havia algumas sociedades polonesas fundadas no início do século XX que ainda estavam ativas onde eram organizadas festas e bailes, além de servir como escola e sociedade. Aconteciam ainda as festas municipais e as festas organizadas pela Igreja.

Nesse mesmo período existia o Clube União, que era um dos maiores, que além dos bailes oferecia outras atividades. Tinha também o Clube Quinze de Novembro, o São Manoel, a Sociedade Beneficente Operária de Araucária, os dois últimos foram fundados pelos operários das fábricas.

⁶⁴ PINTO, Matilde Ilkiu *Entrevista concedida à Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 19 ago. 2014.

⁶⁵ PINTO, Matilde Ilkiu *Entrevista concedida à Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 19 ago. 2014.

Outro entretenimento era o cinema que ficava próximo da Igreja Matriz, também acontecia matinê na Coudelaria e em alguns clubes do município. No ano de 1912, a população araucariense teve contato com o cinema mudo pela primeira vez, novidade para a época, apresentada por Carlos Hasselmann.

FIGURA 5-
MATINÊ NA SOCIEDADE OPERÁRIA BENEFICENTE DE ARAUCÁRIA,
DÉCADA DE 1960



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres. Araucária.

Outra diversão na cidade eram as apresentações de teatro organizadas pela Dona Aurora Pizzatto Fruet, grande incentivadora dos espetáculos teatrais em Araucária, apreciadora do teatro e da música, começou ainda criança quando assistia às companhias de opereta em Curitiba. Dona Aurora apresentava suas peças de teatro nos clubes e nas escolas do município, até a década de 1950.

O espetáculo circense era outra atração que os moradores apreciavam, passava pela cidade pequenas companhias de circo permanecendo por algum tempo. Dona Neusa recorda do circo que se instalava no terreno onde atualmente fica a prefeitura:

O campo que montavam o circo era sempre ali onde hoje é a prefeitura. As vezes a gente ia, quando tinha condições, porque como a gente morou por perto, as vezes a gente ia até sondá (*sic*), porque não dava pra assisti (*sic*) [...] Tinha que pagar ingresso.⁶⁶

Os jogos de futebol era atração que mais reunia público, evento que acontecia aos domingos em um campo próximo ao Rio Iguaçu, e no Bairro Estação. Esses jogos movimentavam toda a cidade, atraía grande número de pessoas,

⁶⁶ BELO, Neusa de Souza Pinto. *Entrevista concedida à Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 15 out. 2014.

homens, mulheres, crianças, enfim famílias inteiras iam assistir às partidas de futebol. Nos torneios realizados vinham times de outras cidades para jogar contra os times da casa.

Assim como o futebol o Rio Iguaçu nos fins de semana era diversão garantida para todos os moradores do município, e das cidades vizinhas que vinham passar os domingos em Araucária. A respeito do lazer dona Neusa comenta:

As diversões que tinham na época dos meus quatorze anos até os dezenove, [...] era futebol, que a gente gostava de assistir, tinha dois times, o time de Araucária e o São Manoel, e na época o rio Iguaçu não era poluído ainda [...] era tipo piscina, vinha gente de fora, de Curitiba, iam ali, nossa, era que nem uma praia, prainha das pontes [...] Nas pontes velhas, então tinha o campo de futebol ali, tinha aquelas prainhas, que todo mundo vinha, então a gente ia ali, passar o tempo de domingo era muito bom, se divertia de vê(sic) as coisas. Daí tinha o cinema que também a gente gostava de sempre ir nas matinê que tinha do seu Galize, era o único também que tinha, então daí a gente sempre ia nas matinê no domingo quando não, no futebol, e tinha a Sociedade Operária, era a única, e era respeitada e de família mesmo, [...]”⁶⁷

FIGURA 6-
MULHERES DA FAMÍLIA TRAUZYNSKI NO RIO IGUAÇU



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres. Araucária.

Dona Maria Elisa também comentou sobre o lazer da época:

[...] tinha o Clube do São Manoel que era jogo de Futebol [...] e baile do São Manoel, tinha a Sociedade Operária e tinha [...] o Clube União Araucariense, *quando* a gente veio morar pra cá, a gente foi nesses bailes, [...] na sociedade operária eu fui duas vezes no carnaval, *no Bairro Estação*,

⁶⁷ BELO, Neusa de Souza Pinto. *Entrevista concedida à Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 15 out. 2014.

[...] era o Quinze de Novembro, então lá a gente dançou muito baile lá, “ichi”. Os bailes eram realizados pelos moradores de lá da Estação.⁶⁸

FIGURA 7-
MOÇAS NO BAILE DO CLUBE SÃO MANOEL DÉCADA DE 1960



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres. Araucária.

Dona Neusa, dona Maria Elisa, afirmaram não ter sofrido preconceito no trabalho, porém pode-se perceber por meio dos documentos das fábricas e de relatos, que as mulheres eram maioria nas fábricas, porque os trabalhos não requeriam mão de obra especializada, - como já se verificou que grande parte das mulheres não possuía educação formal -, e conseqüentemente seus salários eram mais baixo, a mão de obra feminina era mais barata, e os postos ocupados eram inferiores ao que os homens ocupavam.

Enquanto, os homens trabalhavam em outros setores que remuneravam mais, ou tinham seus negócios por conta própria, e nas fábricas eles possuíam cargos mais elevados do que as mulheres, e, por conseguinte ganhavam mais, como dona Neusa relata: “o salário dos homens e das mulheres [...] eu acho que tinha um pouco de diferença porque o cargo deles era um pouquinho maior, porque eles já eram encarregados [...]”.⁶⁹

Perrot afirma que no século XIX, sobressaiam os lugares dos sexos, cada um com “sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase

⁶⁸ PADILHA, Maria Elisa do Rosário. *Entrevista concedida à Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 15 out. 2014.

⁶⁹ BELO, Neusa de Souza Pinto. *Entrevista concedida à Isabel Cristina Alves Erzinger*. Araucária, 15 out. 2014.

predeterminados, [...]”.⁷⁰ O papel de cada sexo continuou a ser mantido por muito tempo.

A sociedade que ainda era patriarcal, determinava os papéis dos sexos, e o sexo feminino tinha claro suas funções nos lares, no seu comportamento, e no seu dever com a família. A esse respeito Simone Beauvoir apontou:

O período que atravessamos é um período de transição, este mundo que sempre pertenceu aos homens ainda continua nas mãos deles; as instituições e os valores da civilização patriarcal ainda sobrevivem a si mesmos em grande parte. Os direitos abstratos ainda estão longe de ser integralmente reconhecidos em toda parte às mulheres [...] E os direitos abstratos, acabamos de dizê-lo, nunca bastaram para assegurar para a mulher uma influência concreta sobre o mundo, entre os dois sexos não existe, ainda hoje, verdadeira igualdade.⁷¹

A mulher daquele período não tinha tomado consciência dos seus direitos, portanto considerava natural a forma que era tratada, no trabalho, e em casa pelo marido. A mulher ainda estava fadada a aceitar imposições de uma sociedade que ditava o que era cabível a cada sexo, mesmo que seus direitos estivessem estabelecidos em Lei, na prática não eram respeitados. A construção social sobre os papéis de homens e mulheres acabava por punir o sexo que a mesma sociedade fez calar a voz, pois não havia igualdade entre os sexos como determina a Declaração dos Direitos Humanos.

⁷⁰ PERROT. *op. cit.* p.178.

⁷¹ BEAUVOIR, *op. cit.* p. 172.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se inserir no mercado de trabalho era uma necessidade real, pois sabiam que precisavam ajudar em casa, e os próprios pais arrumavam trabalhos para os filhos e filhas, e esses tomavam como uma obrigação a ser cumprida.

Diante desse panorama, se via que as filhas eram submissas aos pais, e quando casadas ao marido, portanto conservavam essa submissão também no ambiente de trabalho, aos patrões, ou, aos encarregados, e não se rebelavam contra os salários baixos, as extensas horas de trabalho, ou pelas condições insalubres dos trabalhos.

Nesta perspectiva, a “ordem social vigente”⁷² se encarregava em manter suas regras, a sociedade dessa época não se diferenciava das sociedades de épocas anteriores, no que diz respeito a construção social, que determinava a divisão sexual. Cada sexo com sua função, suas tarefas, seus espaços, e seus papéis.

Ao Analisar em que medida as mulheres da cidade de Araucária - PR participavam da vida pública, nas décadas de 1950 a 1970, considerou-se que tiveram grande participação na vida pública, trabalhando no magistério, em sua maioria nas fábricas, grande parcela das mulheres que trabalhavam fora por necessidade financeira, por isso trabalhavam para ajudar no sustento do lar. E como no caso da professora entrevistada trabalhava porque via no magistério uma vocação.

Quando se buscou contextualizar a cidade paranaense, identificou-se que seus moradores, em especial as mulheres, trabalhavam no campo e nas fábricas que havia no município durante o período de 1950 a 1970, verificou-se, que muitas mulheres trabalhavam, como empregadas domésticas e babás, no magistério, nos depósitos de batatas, porém o grande contingente de mulheres da cidade nessa época trabalhava nas fábricas.

Em se tratando de investigar o papel social das mulheres araucarienses na vida pública, percebeu-se que, seu papel era de operárias de fábricas, e donas de

⁷² COSTA, Maria Margarete Souza Campos; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. *Mulher e História: uma análise da construção das relações de gênero*. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br>>. Acesso em: 11 set. 2014.

casa depois do expediente, com poucos momentos de lazer aos domingos, quando eram solteiras e muita dedicação a casa e a família depois de casadas.

Ao discutir o papel social das mulheres, na vida pública em Araucária entendeu-se, que em relação aos homens, a mão de obra feminina, era menos remunerada, e não tiveram ascensão em seus postos de trabalho, e nos lares não tiveram a contribuição do marido com o cuidado da casa ou dos filhos. Nesta perspectiva, com esse trabalho de pesquisa foi possível constatar que as mulheres participavam da vida pública em Araucária, porém ainda estavam excluídas em certos aspectos dos direitos humanos.

FONTES:

BELO, Neusa de Souza Pinto, entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger, em: 15 out. 2014.

BISCAIA, João. Depoimento concedido a Roseli T. Boschilia, em 30 out. 1989. Disponível no Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres.

CHARVET, Maria Luiza Cintra. Entrevista concedida à equipe do projeto Memória de Araucária em, 31 out. 1989. Disponível no Arquivo Histórico Achelau de Almeida Torres.

COSTA, Maria Margarete Souza Campos; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. *Histórias entrelaçadas: a dimensão da resistência em Vidas secas e Abril despedaçado*. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br>>. Acesso em: 11 set. 2014.

DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

PADILHA, Maria Elisa do Rosário, entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger, em: 15 out. 2014.

PINHEIRO, Joel Carrion. *Trabalho Feminino no Brasil – Análise da evolução da participação da mulher no mercado de trabalho (1950-2010)*. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br>>. Acesso em: 22 set. 2014.

PINTO, Matilde Ilkiu, entrevista concedida a Isabel Cristina Alves Erzinger, em: 19 ago. 2014.

PINTO, Reinaldo Alves. Depoimento concedido a Roseli T. Boschilia em, 05 out. 1989. Disponível no Arquivo Histórico Achelau de Almeida Torres.

PREFEITURA, Municipal de Araucária. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, Departamento de Cultura. Museu Tingüi-Cuera. Coleção História de Araucária: *Agricultura e Indústria: A Memória do Trabalho em Araucária*. Araucária: Editora Progressiva Ltda, v. 1, 2010.

_____. *Os espaços de lazer em Araucária*. Araucária: Editora Progressiva Ltda, v.2, 2002.

_____. *Da madeira ao Aço* – A industrialização de Araucária. Araucária: Editora Progressiva Ltda, v.4, 1999.

_____. *A Construção de uma História: A presença étnica em Araucária*: Editora Progressiva Ltda, v. 5, 2010.

WACHOWICZ, Ruy C. *Origens de Tindiqüera*. *Jornal dos Pinheirais*. Araucária-Pr. Ano II, nº 31, v.2, p.1-5, fevereiro 1980.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Roosenberg Rodrigues. Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações. In: *II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG*, Goiás, 2009. Disponível em: <<https://portais.ufg.br>>. Acesso em: 15 set. 2014.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1967.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CASTRO, Amanda Mota Angelo; ALBERTON, Mirele; EGGERT. *Nísia Floresta a mulher que ousou desafiar sua época: Feminismo e Educação*. <<http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br>>. Acesso em: 20 de set. de 2014.
- JORNAL Das Moças. Rio de Janeiro. n. 1848, 1950, (Propaganda de BELZEMA). Acervo Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres.
- LUDCK, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, SP: Ed. Pedagógica e Universitária Ltda, 1996.
- OBSERVATÓRIO Brasil da igualdade de gênero. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br>> Acesso em: 30 ago. 2014.
- OLIVEIRA, Ana de. *Tropicália*. Disponível em: <tropicália.com.br> Acesso em: 24 nov. 2014.
- PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 2.ed. 1992.
- REVISTA Internacional Interdisciplinar Interthesis. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br>>. Acesso em: 14 set. 2014.
- RIBEIRO, Elisa Antônia. *A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais*. Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, 1989, Disponível em: <<http://www.observem.com>> Acesso em: 30 ago. 2014.

SILVA, José Maurício da. *O Lugar do Pai: Uma Construção Imaginária*. f. 154. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte. 2007. Disponível em: <<http://www1.pucminas.br>>. Acesso em: 12 de set. de 2014.

TRIBUNAL Superior Eleitoral. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br>>. Acesso em: 08 set. 2014.

BIBLIOGRAFIA:

A NOVA Democracia. 08 de março, o verdadeiro dia Internacional da Mulher Proletária! Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br>>. Acesso em: 23 set. 2014.

BNDES. <<http://www.bndes.gov.br>>. Acesso em: 08 set. 2014. BUONICORE, Augusto. As conquistas da revolução. In: *As mulheres no socialismo: avanços e impasses*. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br>. Acesso em: 11 de fev. 2015.

CAIXETA, Juliana Eugênia e BARBATO, Silviane. *Identidade Feminina – Um Conceito Complexo*. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 12 de set. de 2014.

CHARVET, Marcos Pedro Cintra Ferreira. Depoimento concedido a Isabel Cristina Alves Erzinger, em 28 ago. 2014. Disponível no Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres.

COPA do Mundo da FIFA México 1970. Disponível em: <<http://pt.fifa.com>>. Acesso em: 21 set. 2014.

COSTA, Maria Margarete Souza Campos; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. *Histórias entrelaçadas: a dimensão da resistência em Vidas secas e Abril despedaçado*. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br>>. Acesso em: 11 set. 2014.

DECLARAÇÃO dos direitos da mulher e da cidadã – 179. Site Universidade de São Paulo – USP. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br>> Acesso em: 22 set. 2014.

DECLARAÇÃO de direitos do homem e do cidadão – 1789. Site: Universidade de São Paulo – USP. Biblioteca Virtual De Direitos Humanos. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br>>. Acesso em: 22 set. 2014.

ELAS querem queimar o sutiã e muito mais. Disponível em:<<http://www.revistaovies.com>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

FGV CPDOC. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 09 de set. de 2014.

GOUVÊA, Regina Rotenberg. *Comunidade Judaica em Curitiba; 1889-1970*. Curitiba, 1980, p.44. Dissertação de Mestrado em História – Setor de Ciências

Sociais, Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

HISTÓRIA do Mundo. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br>>. Acesso em: 08 set. 2014.

IBGE – Histórico, Araucária. Disponível em:<<http://www1.ibge.gov.br>>. Acesso em: 03 nov. de 2014.

IQES. Disponível em: <<http://lqes.iqm.unicamp.br>>. Acesso em: 08 set. 2014.

KARAWEJCZYK, Mônica. *Mulheres Lutando por sua Cidadania Política – Um Estudo de Caso: Diva Nolf Nazário e sua tentativa de alistamento em 1922*. Disponível em: <<http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br>>. Acesso em: 07 de set. de 2014.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. *O colono-polaco: a recriação do camponês sob o capital*. Dissertação de mestrado em História Econômica do Brasil. Curitiba: UFPR, 1983.

LEMAD - Laboratório de Ensino e Material Didático. Década de 60 e Tropicalismo no Brasil. Disponível em: <<http://lemad.fflch.usp.br>>. Acesso em: 09 set. 2014.

LOPES, Bárbara. História do Feminismo e das lutas da mulher. In: *Mulher*. Disponível em: <<http://www.terra.com.br>>. Acesso em 07 de set. de 2014.

MEMÓRIA viva. Disponível: <www.memoriaviva.com.br>. Acesso em 21 de set. de 2014.

SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. *Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX*. Disponível em: <<http://www.ufvjm.edu.br>>. Acesso em: 15 out. 2014.

SOBROSA, Carla. Consumo Cultural, Possibilidades de Análise – Alguns Tópicos Para Reflexão. In: *VI ENECULT*. encontro de estudos multidisciplinares em cultura, 2010. Disponível no Site: <<http://www.cult.ufba.br>>. Acesso em: 10 set. 2014.

UM mil novecentos e sessenta- 1960: Primeira pílula anticoncepcional chega ao mercado. In *Calendário Histórico*. Disponível em: <<http://www.dw.de/1960>>. Acesso em: 08 set. 2014.

UNI-VOS. Disponível em: <<http://www.uni-vos.com>>. Acesso em: 09 set. 2014.

VARELA, Drauzio. Pílulas Anticoncepcionais. In: *Mulher. Gravidez-Mulher*. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br>>. Acesso em 20 set. 2014.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Tomás Coelho - Uma comunidade camponesa*. Curitiba: Real Artes Gráficas, 1977.

ZAGESKI, Paulo Sérgio. Depoimento disponível em <<http://www.estacoesferroviarias.com.br>>. Acesso em: 06 maio 2014.

8 de março, tragédia e polêmica. Disponível em: <<http://www.klickeducacao.com.br>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

APÊNDICES

ANEXOS